

# A interface da notícia nos meios impresso e digital

O tratamento da notícia nas primeiras páginas  
dos jornais impressos e portais na Internet

**WILSON ROBERTO BEKESAS**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Comunicação e Semiótica, sob orientação do Professor Doutor Nelson Brissac Peixoto.

São Paulo  
2006

À Banca Examinadora

---

---

---

---

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Professor Doutor Nelson Brissac Peixoto,  
por sua amizade, compreensão e ajuda tão fundamentais durante este processo.

À minha mãe, Adeilda Lopes Bekesas,  
por tudo, a vida toda.

Ao meu pai, Albino Bekesas,  
*In Memoriam.*

Aos amigos Eduardo Moliterno e Alexandre Prado,  
porque amizade não é só uma troca de abraços.

Aos Professores do exame de qualificação,  
Doutoras Giselle Beiguelman e Lucrécia D'Alessio Ferrara,  
com a compreensão do quão difícil é ter a palavra certa na hora certa,  
mesmo que doa aos ouvidos ainda incautos.

Aos Professores e amigos Ana Lúcia Gimenez Ribeiro Lupinacci,  
Luiz Fernando Dabul Garcia e Tânia Márcia Cezar Hoff, ESPM-SP.  
Mônica Moura e Nelson Somma Jr, Universidade Anhembi-Morumbi-SP.

À Ana Cristina de Souza Luiz, Josilma Gonçalves Amato,  
Maria Helena Barbosa Penteado, Sidney Martins Barboza,  
Biblioteca Central – ESPM-SP.

Aos colegas e amigos da ESPM-SP e PUC-SP,  
remar é sempre mais fácil quando todos estão no mesmo barco.

À Escola Superior de Propaganda e Marketing-SP,  
cuja colaboração e estímulo tornaram possível a realização deste trabalho.

para Sara,  
[sem você não haveria sentido]

## ÍNDICE

Agradecimentos .....	3
Resumo.....	6
Abstract .....	7
Sumário .....	8
Capítulo 1 • Introdução.....	11
Capítulo 2 • Contextualização.....	20
2.1 • O jornal.....	22
2.2 • A informação digitalizada.....	30
2.3 • Aldeia global, Internet e www.....	31
2.4 • Portais de informação .....	35
2.5 • A semiótica na leitura das capas impressas e virtuais.....	38
Capítulo 3 • Desenvolvimento.....	42
3.1 • Mondrian e a visualidade das capas impressas e virtuais.....	42
3.2 • Matriz comparativa.....	50
3.3 • Mediação, interface e interfaces .....	58
3.4 • A relação homem-máquina .....	63
3.5 • Notícia e portal de informações.....	70
3.6 • Google e integradores de informação.....	73
3.7 • O tempo subtraído .....	79
Capítulo 4 • Conclusão .....	84
Bibliografia .....	86

## **RESUMO**

---

Pretendeu-se discutir as questões ligadas às características pertinentes aos meios digital e impresso no seu relacionamento com o trato da notícia nas primeiras páginas de jornais e portais na Internet.

A notícia é apresentada como objeto tendo como signo a interface dentro dos meios propostos. Ambos apresentam aproximações, quer no trato das informações presentes em seus projetos, quer em sua construção. Uma matriz envolvendo os objetos de pesquisa aqui selecionados é apresentada de maneira a compará-los.

Foram observadas as primeiras páginas dos jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo, e dos portais UOL e Terra.

Serão analisados aspectos ligados à história dos dois meios e suas características; processos de mediação e a construção da interface; a relação diagramática entre os meios; sua espacialidade e visibilidade.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, foram discutidas questões ligadas à transição do papel do interpretante como leitor, usuário e depois navegante da informação, o que terminou levando nossa questão de pesquisa até bordas de um processo em constante evolução: a própria ação humana na construção do conhecimento em suas extensões tecnológicas. Esperamos ter colaborado para a discussão.

## **ABSTRACT**

It was intended to discuss questions about the characteristics of digital and printed media related to the way of publishing the news on the first pages of newspapers and web portals on the Internet.

The news is presented as an object and it has as a sign the interface inside the media mentioned above. Both present approaches on the treatment of information about their projects and on their construction. A matrix involving the objects of research selected here is presented so that it can compare both.

The first pages of newspapers O Estado de S. Paulo and Folha de S. Paulo and the web portals UOL and Terra have been taken into account.

Some history aspects of the two media and their characteristics will be analyzed. Beside that, mediation processes and the construction of the interface, the diagrammatic relation between the media; their spatiality and visibility.

During the development of this research, it has been discussed questions related to the transition of the part of the interpreter as a reader, as a user and later as a knowledge navigator, which has taken our research question to the edges of a process in constant evolution: the own human being action in the construction of knowledge in technological extensions. We hope we have collaborated for the discussion.

## **SUMÁRIO**

### **Estrutura do projeto**

Comparar e analisar as interfaces dos meios digital e impresso como signos relacionados ao seu objeto, a notícia. O intepretante será encontrado na migração de leitor/usuário de notícias para navegante da informação. As capas dos jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo, e dos portais na Internet, Terra e UOL, serão aqui utilizadas como fonte de reflexão para a realização da dissertação. Ao comparar e analisar as semelhanças e diferenças presentes nas capas desses suportes, a pesquisa pretende identificar qual deles beneficia o trato da notícia na busca da informação e do seu entendimento.

### **Capítulos**

<i>1 – Introdução</i> .....	11
A introdução apresenta o projeto de pesquisa demarcando sua dimensão e os limites propostos dentro da dissertação.	
<i>2 – Contextualização</i> .....	20
Apresentação de um breve histórico dos meios em discussão abrindo parte das possibilidades de análise comparativa. É aqui também que é apresentada a base teórica da pesquisa, a semiótica de Peirce. As capas serão tratadas como imagens integradas e assim submetidas à análise.	
<i>2.1 – O jornal</i> .....	22
Tem como tema a evolução do meio impresso e a caracterização do jornal como veículo da notícia transformada em informação. Apresenta o papel do leitor.	
<i>2.2 – A informação digitalizada</i> .....	30
As transformações sofridas com o advento da digitalização da informação, da notícia e o seu acesso. Destaca o impacto da acessibilidade.	

2.3 – <i>Aldeia global, Internet e www</i> .....	31
O advento da “aldeia global” e o desenvolvimento da interface gráfica como mediador entre a informação/notícia e o usuário. Apresenta o papel do usuário x leitor.	
2.4 – <i>Portais de informação</i> .....	35
Apresenta o portal de informação e sua importância como provedor do acesso do usuário à Internet. Destaca características limitadoras de seu projeto gráfico e sua participação na difusão da notícia.	
2.5 – <i>A semiótica na leitura das capas impressas e virtuais</i> .....	38
Apresenta a Semiótica como alicerce para a análise das capas de jornais e dos portais apresentadas como imagens assemelhadas a pôsteres.	
3 – <i>Desenvolvimento</i> .....	42
Apresenta a conceituação de interface, mediação e re-mediação. Serão retomadas e desenvolvidas as características dos objetos propostos.	
3.1 – <i>Mondrian e a visualização das capas impressas e virtuais</i> .....	42
A obra do artista serve de referência para a aplicação de uma trama fazendo uso das cores primárias na comparação entre as capas impressas e virtuais.	
3.2 – <i>Matriz comparativa</i> .....	50
Apresenta a matriz para comparação e análise envolvendo as capas selecionadas dos jornais e dos portais.	
3.3 – <i>Mediação, interface e interfaces</i> .....	58
Apresenta o conceito de mediação e de interface como informação cultural mediadora da relação da humanidade com o mundo à sua volta. Discute o uso de metáforas visuais. Apresenta a interface digital e suas possibilidades técnicas e conceituais sempre em expansão.	
3.4 – <i>A relação homem-máquina</i> .....	63
Discute aspectos que envolvem usabilidade, ergonomia, cores e conceitos de design aplicados ao <i>layout</i> das páginas dos portais.	
3.5 – <i>Notícia e portal de informações</i> .....	70
Situa a discussão e o relacionamento da notícia dentro das capas dos portais relaciona-	

das à construção da interface gráfica, seu signo. Destaca as alternativas apresentadas através do Google e dos agregadores de informação para o desenvolvimento do navegante da informação.

*3.6 – Google e integradores de informação* ..... 73  
Apresenta a diversidade de soluções encontradas pelos serviços do Google e dos agregadores de informação na perspectiva do navegante.

*3.7 – O tempo subtraído* ..... 79  
Apresenta características da contemporaneidade situando o papel do indivíduo dentro da “modernidade líquida” e sua evolução de leitor, depois usuário, e suas possibilidades e limites de transformar-se em navegante da informação.

*4 – Conclusão* ..... 84  
Os elementos da discussão dos capítulos anteriores serão retomados dentro do discurso que envolve a interface da notícia. Procura-se situar a discussão da notícia como objeto da informação e os meios impresso e digital como suas interfaces como signo entre os meios impresso e virtual. Qual meio “funciona” ou deixa de funcionar tendo a notícia como interface entre ambos?

*4 – Bibliografia* ..... 86  
São apresentados os diversos livros e outras fontes utilizadas ao longo do processo de amadurecimento e construção da dissertação.

### A interface da notícia nos meios impresso e digital

*O tratamento da notícia nas primeiras páginas dos jornais impressos e portais na Internet*

“O caráter mágico das imagens é essencial para a compreensão de suas mensagens. Imagens são códigos que traduzem eventos em situações, processos em cenas.”

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. p. 8.

Vilém Flusser, em seu *Filosofia da Caixa Preta: A Imagem*, afirma que as imagens são mediações entre o homem e o mundo, cabendo às imagens representá-lo. O homem “existe”, mas o mundo não lhe é acessível imediatamente. Ocorre uma inversão na relação entre homem e imagens ao seu redor; ao invés de servir-se delas em função do mundo, passa-se a viver o mundo em função do que é ou não representado por elas.

A página impressa do jornal e a página virtualizada da Internet assumem características imagéticas. Em suas linhas e cores, a proporção entre imagens fotográficas das quais fazem uso e a distribuição dos textos que as acompanham forma um quadro, uma matriz para o entendimento e a busca pela informação ali apresentada. É ao ritmo e organização propostos da leitura e do encontro da legibilidade que o navegante da informação — leitor, no jornal, ou usuário, na Internet — se presta. É no *scanning*<sup>1</sup> da página que a descoberta da notícia se fará, não somente como informação diagramada em ritmos propostos de leitura, de cima para baixo, da esquerda para a direita ou buscando as diagonais, mas também como a apreensão e atualização de algo em estado potente, dependente desse interpretante para realizar-se.

---

1 Nas palavras de Vilém Flusser: “(...) dever permitir à sua vista vagar pela superfície da imagem. Tal vagar pela superfície é chamado *scanning*.”

E o que nos revela o *scanning*?

Apresenta-nos o seu traçado, os caminhos para o entendimento da imagem/página, aquele mesmo percebido pelo navegante; além disso, entrega-nos a estrutura da imagem e procura o entendimento do mesmo navegante que dela se apropria.

*Máquina e Imaginário*, de Arlindo Machado, discute o efeito *zapping* e a transformação do telespectador em editor, uma outra revelação. O primeiro é um ente estático à frente da programação da TV, alguém à espera das soluções que o próprio meio lhe apresenta. O segundo é um editor de sua programação, flertando de canal em canal construindo o seu repertório de investigações, criando a sua alternativa à oferta massificadora apresentada pelos meios.

Quando vislumbramos as páginas dos portais de informação, notamos a mesma característica de troca e oferta de alternativas. As imagens, os textos, tudo se multiplica nas possibilidades de leitura como se o *zapping* fizesse parte da própria tela, não mais da TV, mas, agora, do computador.

A continuidade da leitura existe a partir da descontinuidade do hipertexto que lhe é característico. *Links* indicados por títulos dão o destino do navegante, não há maior desdobramento, as legendas são curtas, e muitas vezes não estão localizadas nas imagens que qualificam. As chamadas publicitárias são randômicas, mudam os patrocinadores, mudam seus apelos. Há uma mistura de possibilidades, o portal parece não ter se decidido se presta mais informação ao navegante, se lhe vende algo ou procura entretê-lo. O simultâneo dá o tom do caminho. Os portais entregam o imediato. Não têm memória, não podem ser usados como referência senão no instante em que foram atualizados. Resistem ao momento do pixel iluminado da tela do suporte, coordenado pelo funcionamento não-humano desse ente que, se estende as dimensões do cérebro humano, cobra-lhe sua própria compreensão para que possa ser usufruído. “Deciframe ou devoro-te”, numa recuperação do enigma de uma esfinge agora desdobrada nas possibilidades infinitas do próprio cérebro humano projetado e codificado em outras possibilidades, as virtualizadas.

A interface se encerra em metáforas visuais<sup>2</sup> que possam transformar as suas indelicadezas estéticas em informação acessível ao navegante: “página”, “voltar”, “ir”. Metáforas que apresentam o meio e procuram aproximar-se do repertório do navegante, que, envolvido, poderia questionar-se: “‘Voltar’ e ‘ir’ para onde? Se estou postado à frente desse aparelho imóvel, quieto e dependente do ‘onde’ por mim determinado? Que página é essa que não permite que a manuseie? Que poderia ser transportada para um ambiente a serviço do navegante, mais confortável, menos sujeito à ergonomia do usuário frente ao suporte?”

O portal trouxe do jornal o seu aprendizado de leitura, procura reproduzi-lo em sua verticalidade e diagramação, agora, usabilidade e ergonomia. Apropria-se do espaço possível das telas do suporte digital. Exprime-se em 800x600px e quer ultrapassar seus limites na programação das linguagens do meio — HTML, DHTML, PHP etc. A “página” do portal pode ser arrastada e rolada, propondo uma navegabilidade pela informação adequada ao navegante postado à sua frente. Seu entendimento pode ser interrompido por uma mensagem patrocinada — um elemento externo à própria página interrompendo o navegante e desviando-o do seu caminho de leitura. Pode perder-se na falta de energia, nas falhas gerais de sistema, no “deu pau” ouvido em várias situações de navegação.

Mas pode também abrir-se para o navegante apresentando-lhe várias de suas alternativas de apreensão. Se a linguagem codificada pode ser limitadora, pode igualmente mostrar-se nas ofertas do código sempre multiplicado.

Se o espaço é o virtual, como pode ser atualizado? A essa pergunta e às possibilidades desse código, as páginas do portal ainda estão fechadas.

Neste momento parece-nos importante deixar claro o que entendemos como virtual. Buscamos nas palavras de Pierre Lévy uma definição:

“Já o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual. Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que

---

2 A idéia de metáfora visual será mais bem apresentada no Capítulo 3. No momento vale mencionar a metáfora como uma figura de estilo, designada pelo uso de um objeto – palavra, expressão, imagem — num sentido que não é o seu próprio, baseado numa relação de semelhança e estabelecendo um novo significado. Por exemplo, alguns *sites* apresentam uma “sala” para conversas (*chat*).

acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização.”

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1999. p. 16.

“Mas o que é a *virtualização*? Não mais o virtual como maneira de ser, mas a virtualização como dinâmica. A *virtualização pode ser definida como o movimento inverso da atualização*. Consiste em uma passagem do atual ao virtual, em uma ‘elevação à potência’ da entidade considerada. A virtualização não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado: em vez de se definir principalmente por sua atualidade (‘uma solução’), a entidade passa a encontrar sua consistência essencial num corpo problemático.”

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1999. p. 17.

Percebemos que o portal vê-se preso às suas origens ligadas ao jornal impresso, quando poderia agregar recursos hipermidiáticos de som, imagem, textos e alternativas de troca de conhecimento entre o navegante/usuário e a informação/notícia tornada disponível, gerando a partir desse relacionamento um processo de interatividade<sup>3</sup>. É nesse caminho que encontramos os vários desconhecimentos daquilo que o meio pode oferecer. Presa, repetimos, à sua origem impressa, a primeira página do portal, *home page*, trouxe um menu que se assemelha a um índice de cadernos. O hipertexto, matéria prima do espaço virtual, permite várias leituras descontínuas, oferecendo ao navegante um efeito *zapping* que poderia em muito agregar mais informação à notícia presente na página. Maiores possibilidades da própria navegação pelos fatos dispostos numa vinculação que pode ter sua finalidade definida pelo navegante, e não pelo meio ou pelo próprio portal, que, dessa maneira, assumiria o papel de um *flaneur* da informação/notícia e deixaria de lado a sua interpretação de “versão” *online* da notícia.

---

3 Para Derrick de Kerckhove tal processo responde à necessidade humana de projetar suas extensões na construção do conhecimento:

“Uma boa parte da arte de Nam June Paik no domínio da televisão desde os anos 60, e depois com redes nos dois sentidos, constituiu um lugar contra a supremacia do aparelho de televisão e a nos permitir responder. No entanto, o casamento recente do computador com o vídeo vem de novo modificar as bases do conhecimento humano. Toda a nossa cultura faz a aprendizagem da interação, isto é, ela aprende a projetar extensões sensoriais no universo da tecnologia externa por diferentes interfaces dentre as quais a primeira é o humilde controle remoto.”

KERCKHOVE, Derrick de. “O senso comum antigo e novo”. In: PARENTE, André, org. *Imagem-máquina*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. p. 59.

Os portais investigados nesse momento, UOL e Terra, têm suas origens ligadas a empresas comprometidas com o uso da informação. Destaca-se no portal UOL, pertencente a um importante grupo da imprensa escrita, a Folha de S. Paulo. O Terra faz parte de uma empresa transnacional, a Telefonica, ligada à telefonia e comunicação *online*, viabilizadora da conexão em rede e do seu acesso.

O meio impresso, por suas próprias características físicas, não pode utilizar o *zapping* como possibilidade. Mas bebendo das fontes criadas pela Internet, tem oferecido alternativas de leitura que permitem não o *zapping*, mas a relação do que se apresenta na primeira página e seus desdobramentos guardados no interior do jornal, redistribuindo o espaço da notícia a partir da capa e oferecendo sua continuidade para além dela. A leitura é entregue numa proposta de circularidade. Sugere-se a busca da diagonal, valorizada pela diagramação do espaço, e aponta para os seus desdobramentos presentes todos no interior dos cadernos e indiciados pela capa. Muitos cadernos, para o fechamento de várias leituras feitas a partir da indexação proposta pela capa ou pela identificação dos cadernos — turismo, informática, política etc. O navegante pode construir a sua leitura e montá-la na junção dos cadernos variados, é um editor da informação que lhe interessa. Em tudo semelhante ao que acontece nos *sites* de informação verticalizada da Internet.

As primeiras páginas se abrem para o possível dentro do espaço que ocupam e sugerem leituras que podem criar a sua própria espacialidade. Na Internet há uma horizontalidade apresentada em dois momentos de leitura, percebe-se ou navega-se ou pratica-se o *scanning* do primeiro *scroll* e parte-se para o segundo. Não é incomum abrir-se para as laterais do monitor, busca-se a ampliação do espaço de ocupação da informação a partir dos limites físicos dos suportes — resolução, dimensões da tela, LCD e CRT —, procurando ocupar a mente do navegador como se o espaço da informação pudesse invadi-lo e ultrapassá-lo a partir do suporte.

A página do jornal pode ser sustentada, dobrada, transportada para outros lugares. Não depende de corrente elétrica, não tem limitações de instalação ou a necessidade de programas e acesso a meios eletrônicos para atualizar-se. Pode ser tomada inteira pelas mãos; mostrando-se em sua totalidade física e projetual, a verticalidade é apresentada como caminho de leitura. Caso fique dobrada, oferece uma opção de leitura em dois

momentos: a parte de cima e a parte de baixo. À verticalidade, acrescenta-se a diagonalidade, em que a proposta de tomada da informação e a busca pela notícia se dão num movimento de zigue-zague. Uma hierarquia é criada e tem a foto principal e o título em destaque como suas primeiras ordens, a sugestão de leitura é carregada de intencionalidades, aquelas presentes na prática diária do seu projeto e oferecendo o primeiro sentido de leitura. O espaço que ocupa é o centro das decisões que determinaram sua apreensão pelo leitor. Pode encerrar-se em si mesma quando tomada em sua exposição pública, dependurada em bancas, aberta ao primeiro contato com o passante desavisado. A primeira página pode prestar-se aos primeiros socorros àquele que ao menos quer saber do que estão falando as notícias mostradas por ela. Pode abrir-se para seus diversos conteúdos abrigados em cadernos específicos, mas seus dizeres já foram indiciados, o leitor já fora treinado pelo meio em seus muitos anos de experiência e história. E pode, finalmente, prestar-se como referência para consulta posterior, ser guardada e manipulada como fonte de memória... ou simplesmente como guarda e embrulho de alguma coisa outra que não seja a própria informação.

Serão visitadas as semelhanças e diferenças presentes nas capas desses suportes e, a partir da sua comparação, identificar qual deles beneficia o trato da informação na busca da notícia e de seu entendimento, evitando apenas apresentá-la como um quebra-cabeça iluminado ou impresso, que entrega ao navegante da informação o seu descobrimento.

É importante destacar alguns dos conceitos expostos e utilizados no desenvolvimento do presente texto. Informação está relacionada ao conhecimento, à comunicação, à organização de dados brutos que serão lapidados posteriormente para sua utilização. Notícia é assim, um recorte notadamente de cunho jornalístico que, dependente da informação, será apresentada aos leitores, usuários e, por fim, ao navegante da informação, habilitado, ele mesmo, a desenvolver o que lhe interessa criando, caso queira, seus caminhos em busca do conhecimento, da informação e, claro, das notícias.

Interface relaciona-se à mediação entre meios distintos para a compreensão humana. É solução tecnológica quando observada a dedicação de vários pesquisadores para integrar-se ao momento atual de sua utilização, quando discutimos suas aplicações cada vez mais apuradas como tradutora de universos distintos entre seres humanos e

aparatos informacionais. É cultura quando observa-se suas alternativas apresentadas ao longo do tempo e da evolução das soluções virtualizadas que temos à nossa frente nos trazendo à mente a possibilidade de transformá-las em agentes do humano num mundo cada vez mais tecnologicizado e onde percebemos seus limites dentro dos limites da interface que construímos para interpretá-lo. “Não interagimos com o mundo mas somente com a sua interface<sup>4</sup>”.

Esta Introdução presta o importante papel de apresentar a pesquisa e a tarefa à qual suas páginas foram dedicadas. A convivência entre os meios impresso e digital e a emergência deste último mostraram-se sempre como grande motivadoras para este texto. Nossa atividade profissional desenvolvida ao longo do tempo envolveu editoras e portais na Internet, onde a convivência com ambos os sistemas foi determinante e desempenhou papel importante nos caminhos propostos para a investigação.

No capítulo 2, Contextualização, serão analisados os aspectos ligados à qualificação dos dois meios e teremos uma breve discussão envolvendo sua evolução histórica: a revolução informacional provocada pela invenção dos tipos móveis e a segunda revolução, a dos pixels e da virtualização, presentes na sociedade em rede. Serão levantadas as bases de desenvolvimento das linguagens aplicadas aos ambientes impressos e virtuais e o momento do encontro dessas linguagens apontado aqui no surgimento do portal de informação.

A Semiótica fornece os parâmetros para o entendimento da informação na sua relação sógnica com os meios propostos. Ressalte-se a importância dessa análise na pesquisa como forma de compreensão das relações mediadas pelo signo “notícia” transformado em “objeto”, e que, num processo de semiose, é agora mediado pelas interfaces “capas de jornal” e “capas de portal”, cabendo aos interpretantes transitarem tanto por uma como pela outra na busca do conhecimento que motivou sua descoberta.

---

4 Peter Weibel, “El mundo como interfaz” < <http://www.elementos.buap.mx/num40/htm/23.htm> >

“Los límites del mundo son los límites de nuestra interfaz. No interactuamos con el mundo, sólo con la interfaz del mundo. El arte electrónico debería ayudarnos a comprender mejor la naturaleza de la cultura electrónica y los fundamentos de nuestro mundo electrónico.”

Uma matriz comparativa deve cumprir a tarefa de apresentar o entendimento dessas questões, destacando as possibilidades e impossibilidades de discurso dos dois meios propostos. As capas, agora tratadas como imagens, serão submetidas à investigação. Aspectos como a ergonomia, espacialidade, legibilidade, diagramação e usabilidade farão parte da busca do seu entrelaçamento e da sua diferenciação.

No capítulo 3, Desenvolvimento, será identificado o navegante da informação assumindo suas características de comportamento, mergulhado que está nesse mar de informações que o rodeia e já lhe suprimiu as dimensões do espaço e do tempo que o trouxeram até o presente momento.

É aqui que investigaremos mais profundamente a definição de interface para entender o funcionamento da mediação proposta em ambos os meios. Procura-se identificar o diálogo manifesto entre eles e sua proximidade no trato da informação/notícia.

À Conclusão, capítulo 4, caberá responder à questão sugerida desde o primeiro esboço deste projeto e suas conseqüências: qual o melhor tratamento para a informação/notícia? Como se dá a sua presença nas capas do jornal impresso ou nos portais da Internet? E, novamente como conseqüência, a notícia é mais bem recebida ou mais bem qualificada em algum deles? Os portais de informação da Internet sabem o que fazer com a notícia? Ou a ela e dela cabem somente as capas impressas?

Os capítulos anteriores e a análise da matriz comparativa formada pelas capas dos jornais e de portais, destacando suas semelhanças e diferenças, serão fundamentais para chegarmos à conclusão deste projeto e comprovarmos ou não a sua principal investigação: a notícia como interface entre os meios impresso e digital.

Cabe ainda mais uma ressalva, na verdade, um lembrete. Essa dissertação acompanhará, como uma de suas decorrências, a evolução do interpretante da investigação, no seu papel de leitor dos meios impressos e de usuário dos meios digitais, para o papel mais rico de navegante da informação, em que toma para si e de maneira decisiva a ação e o envolvimento com tudo o que se relaciona ao seu mundo, colhendo e qualificando os frutos de sua busca pelo conhecimento.

Cabe ainda uma observação: para o navegante os caminhos abertos são os da descoberta do conhecimento, assemelhando-se ao mergulho num labirinto representado pela teia hipermediática que o constrói e que pode transformá-lo num agente ativo da sua viagem. É o navegante, sua bússola e sua mente que vão funcionar como o fio que pode conduzi-lo para a descoberta, agora infinita.

## 2 • CONTEXTUALIZAÇÃO

---

“Um objeto em série, que deve conformar a sua própria linguagem às possibilidades receptivas de um público alfabetizado, agora (e graças ao livro, cada vez mais) mais vasto que o do manuscrito. E não só isso: o livro, criando um público, produz leitores, que, por sua vez, o condicionarão.”

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 2001. p. 12.

Em 1452, Johannes Gutenberg apresentava ao mundo a sua prensa de tipos móveis. A relação com a informação se transformava. Antes, os acontecimentos e a própria realidade eram vistos a partir de poucos olhares, os mesmos que, envolvidos em grande centralização, concebiam uma sociedade absolutamente hierarquizada e dividida em castas de acesso e negação do acesso à informação e ao conhecimento. Vale dizer que a um único olhar, ou uma única interface, aquela representada pelas castas superiores dessa hierarquia, avaliava a realidade e apontava o que deveria ou não merecer a atenção do mundo.

A prensa de tipos móveis imprimia uma quebra nessa sociedade, ampliando a sua visão de um para vários olhares. Dá origem e populariza o livro, um veículo de informação feito por meio de um processo industrial. Criava à sua margem uma nova classe na estrutura social em meio à Idade Média: a dos letrados e a dos iletrados. Há um grupo que domina a “técnica” do alfabeto e outro que *ainda* não detém esse conhecimento, mas pode fazê-lo.

Naquele momento a informação chegava à população na forma de decretos, proclamações ou pelos sermões nas igrejas. Nada impedia, no entanto, que circuitos paralelos aos oficiais, os boatos e testemunhos, concorressem com as versões regulares dos acontecimentos. Segundo Umberto Eco, os primeiros impressos do século XVI foram editados por pequenas tipografias, a pedido de livreiros ambulantes, para serem vendidos em feiras e praças. O conteúdo deveria agradar ao leitor que nascia: anedotas ou fatos políticos, por exemplo. Esse material provia a existência de uma categoria popular de “literatos” e contribuía para a alfabetização de seu público, tornando-o “letrado”.

Foi no cenário de crescimento das cidades, em meados do século XVIII, que a burguesia em sua luta por espaços fez uso da imprensa como um dos seus exércitos na linha de frente para a implantação de uma nova ordem. A Igreja e o Estado mobilizaram-se para conter os impressos considerados destabilizadores dentro da sua visão localizada nos espaços por ambos ocupados. Foi criado o índice e a censura; ambos constituíram seus próprios veículos, sempre mais empobrecidos em função mesmo de não ter o que dizer à sociedade em transformação, numa tentativa ainda de fechar os olhos da sociedade para as mudanças que aconteciam à volta de todos, criando cada vez mais possibilidades de acesso ao mundo e ao conhecimento.

A notícia ganhava tons ideológicos e transformava-se em negócio. O custo de impressão era pequeno, a redação ficava a cargo de poucas pessoas, e os leitores pagavam pelos custos de papel e tinta. Qualquer pessoa poderia, em tese, lançar o seu periódico desde que contasse com alguns colaboradores contribuindo para seu financiamento, fossem eles amigos ou correligionários e até mesmo pessoas que tivessem algum motivo para temer a ação dos impressos.

O adensamento das comunidades, um dos frutos dessas transformações, teve como parte de suas consequências o desconhecimento delas próprias em relação ao seu entorno. O mundo menor tinha na imprensa o papel de “noticiar” — avisar, dar ciência dos acontecimentos — àqueles que não mais se reconheciam pela proximidade. A invenção do indivíduo e a sua exclusão do convívio social trouxeram a necessidade de saber o que acontece à sua volta.

O que procuramos destacar aqui foram os movimentos em favor da busca da autonomia do indivíduo como participante na construção do conhecimento, antes localizado nas mãos de poucos, e que com os tipos móveis cria um outro movimento, um tal movimento que serve de inspiração para a ação humana, fazendo do surgimento da imprensa e da construção da liberdade de publicação de seus tipos um norte que nos ajudará a discutir o advento e a autoria tornada absolutamente descentralizada nas ações com as quais convivemos hoje nessa sociedade em rede e a busca de uma interface que possa assumir o seu papel de signo para a informação/notícia.



Capa da primeira edição do jornal “A Província de São Paulo”, mais tarde “O Estado de São Paulo”.

## 2.1 • O jornal

A notícia nasce no jornal. Esse produto de pegar, que permite sua movimentação acompanhando o leitor para qualquer lugar por ele definido como apropriado para inteirar-se das notícias, assume o papel de trazer os acontecimentos e apresentá-los. E o faz desde sua capa.

O jornal passa pela leitura tátil antes mesmo da leitura da notícia. É um objeto industrial, obediente às imposições feitas pelas máquinas impressoras e suas bitolas de papel. Existe dentro de uma estrutura, uma ordem para a apresentação das notícias. Na primeira página estão as notícias “quentes” da edição, aquelas capazes de atrair a atenção do leitor por sua relevância ou curiosidade no dia-a-dia. As notícias não são colocadas em sua totalidade, são, na verdade, indiciadas nos *leads*<sup>1</sup>, uma seleção e organização de elementos identificados como “chaves” para seu entendimento. São capazes de seduzir o leitor a continuar sua investigação pelo interior de suas páginas. O produto existe a partir de uma ordem específica, a dos cadernos que observam uma organização determinada por quem gera o produto, ou seja, a empresa jornalística. Nada garante que o leitor seguirá a sugestão de leitura proposta pelo jornal, sua navegação pela informação compete somente a ele e é determinada por fatores que vão desde os temas que mais lhe interessam até o que está mais visível — melhor localização na página, uso de cores etc. Como não existe nenhuma forma de encadernação que aprisione suas páginas numa ordem de leitura, espera-se que o primeiro caderno, aquele que contém a capa, abra o produto, mas

1 Lead: em jornalismo é a primeira parte de uma notícia, tem a função de fornecer ao leitor a informação básica sobre o tema, a fim de prender-lhe o interesse.

não se pode garantir que o caderno B venha em seguida ao A deixando ao leitor a busca ou a construção da seqüência de leitura.

A estrutura proposta a esse produto, repetimos, “de pegar” guarda um desejo de expressão e comunicação que é compartilhado com o leitor: seu projeto gráfico. É nele que as possibilidades de apresentação e de uso do produto “jornal” são guardadas e podem transformar as bitolas de papel e máquinas de impressão em informação.

Para a construção do projeto muitas são as influências e as possibilidades de solução. Aqui cabe uma breve localização: quando citamos ou trabalhamos com projeto gráfico, também chamado de “design gráfico”, falamos da atividade de arranjar imagens, texto e elementos que podem ser percebidos pelo homem, referimo-nos a uma área de conhecimento preocupada em comunicar.

“É o caso da pergunta que dá título a este livro. Para responder de um só fôlego, poderia sintetizar no seguinte: design gráfico se refere à área de conhecimento e à prática profissional específicas relativas ao ordenamento estético-formal de elementos textuais e não-textuais que compõem peças gráficas destinadas à reprodução com objetivo expressamente comunicacional.”

VILLAS-BOAS, André. *O que é [e o que nunca foi] design gráfico*. Rio de Janeiro: 2AB, 2001. p. 7.

É no projeto gráfico que notamos as possibilidades abertas pelas experiências visuais vindas de fontes como as vanguardas estéticas de meados do século XX. Lembremos que os movimentos de vanguarda, de maneira geral, propõem uma nova forma de expressão e uma alteração na forma pela qual passa-se a pensar e a perceber a vida e o mundo de maneira mais coerente com o contemporâneo vislumbrado. Nos projetos dos jornais destacamos a importância dessa contemporaneidade absorvendo as influências que estavam à sua volta e encontrando o mesmo momento em que a arte e a poesia concreta tiveram o seu desenvolvimento e mostraram possibilidades de expressão diferentes daquelas praticadas até ali. O plano da visualidade tomou uma configuração fundamental acentuado pelo abandono do verso linear. O ato de construir uma nova linguagem trouxe uma experiência de concepção e de formulação dos elementos da poesia que levavam em consideração aspectos verbo-voco-visuais. Note-se a valorização do branco no exemplo do poema concreto de Augusto de Campos, de 1953.



transmissões regulares de TV, já ouvira falar em cibernética e no “cérebro eletrônico”, criado em 1946 na Universidade da Pensilvânia.

Música, literatura, artes plásticas e as artes do século XX — cinema e a fotografia — voltavam-se para o espírito da invenção e recuperavam a radicalidade dos grandes movimentos de vanguarda do início do século. Em meio a esse cenário de transformações e discussões profundas, aqui no Brasil, a cidade de São Paulo vivia o apogeu de seu desenvolvimento, e seus intelectuais pretendiam uma nova poética, mais cosmopolita, um espelho para esse universo de significados em mutação. Retomava-se o espírito dos modernistas de 1922 e, dentro dele, Oswald de Andrade, com sua lírica extremamente sintética — “poemas-pílulas” —, foi uma das referências adotadas pelos concretistas.

Nascia a revista “Noigrandes”<sup>2</sup>, formada por Décio Pignatari, Haroldo de Campos e Augusto de Campos. As propostas dos criadores do concretismo obedeciam aos seguintes princípios:

- Abolição do verso tradicional com a eliminação de preposições, conjunções, pronomes etc., gerando uma poesia feita de substantivos e verbos.
- Um linguagem necessariamente sintética e dinâmica, mais próxima da sociedade industrial.
- Utilização de paronomásias, neologismos, estrangeirismos<sup>3</sup>; separação de prefixos e sufixos; repetição de certos



Capa da revista “Noigrandes”.

2 “Noigrandes” não tem significado, é uma palavra que foi retirada de um poema de Ezra Pound.

3 *Paronomásia* é o emprego de palavras com sonoridade semelhante numa mesma frase. *Estrangeirismo* é um termo lingüístico presente na fala/escrita de uma determinada língua proveniente de forma direta de outra língua. *Neologismo* é um fenômeno lingüístico que consiste na criação de palavra ou expressão nova, ou na atribuição de novo sentido a uma antiga.

morfemas; valorização da palavra solta (som, forma visual, carga semântica) que se fragmenta e recompõe na página.

- O poema transforma-se em um objeto visual; a partir do uso de recursos tipográficos e do branco da página, ganha simultaneidade, pode ser lido e visto ao mesmo tempo.

A poesia concreta rompia com a linearidade da página, transformando-a num espaço fragmentado sujeito à livre investigação do olhar. Atuando como um objeto dinâmico, a palavra concretista incorpora a cor, os estilos de letra e utiliza os espaçamentos e as entrelinhas como elementos ativos na estrutura do poema. O branco do papel torna-se, com isso, uma espécie de cenário para o material tipográfico desfilar seus contrastes, tensões e significados. A poesia concreta brasileira inseriu-se num contexto eminentemente visual do complexo urbano, e estendia sua influência para outras áreas, tendo o design como destaque.

**eis**  
**os**  
**amantes**      **sem**      **parentes**  
**senão**  
**os corpos**  
**irmãum**      **germeourem**  
**cimaeu**      **baixela**  
**ecoraçambos**  
**d u p l a m p l i n f a n t u n o ( s ) e m p r e**  
**semen(t)emventre**  
**estesse**      **aquelele**  
**inhumenoutro**

O jornal brasileiro percebe a necessidade da mudança e inicia seu processo de modernização. Mudava-se uma maneira de ver e ler os acontecimentos. Até esse momento, o projeto gráfico trabalhava com o volume do texto sem qualificá-lo, obrigando o leitor a ler toda a notícia para descobrir, apenas em seu final, qual o assunto tratado. Novos recursos de redação, como o *lead*, trouxeram as principais informações de forma sintetizada logo no primeiro parágrafo, facilitando a vida do leitor, permitindo-lhe escolher qual notícia mereceria a sua atenção.

Destacamos o Jornal do Brasil, JB, responsável por uma revolução nos padrões editoriais e gráficos daquele momento. Foi nas páginas do Suplemento Dominical<sup>4</sup> do JB que o “Manifesto” da poesia concreta foi divulgado, tendo como signatários os mesmos Décio Pignatari, Ferreira Gullar e os irmãos Augusto e Haroldo de Campos.

Em 1956, o escultor mineiro Amílcar de Castro, concretista ligado ao grupo carioca Neoconcreto, foi chamado para participar da mais importante reforma gráfica empreendida por um jornal brasileiro, demonstrando que a ousadia do JB não se limitaria ao conteúdo editorial.

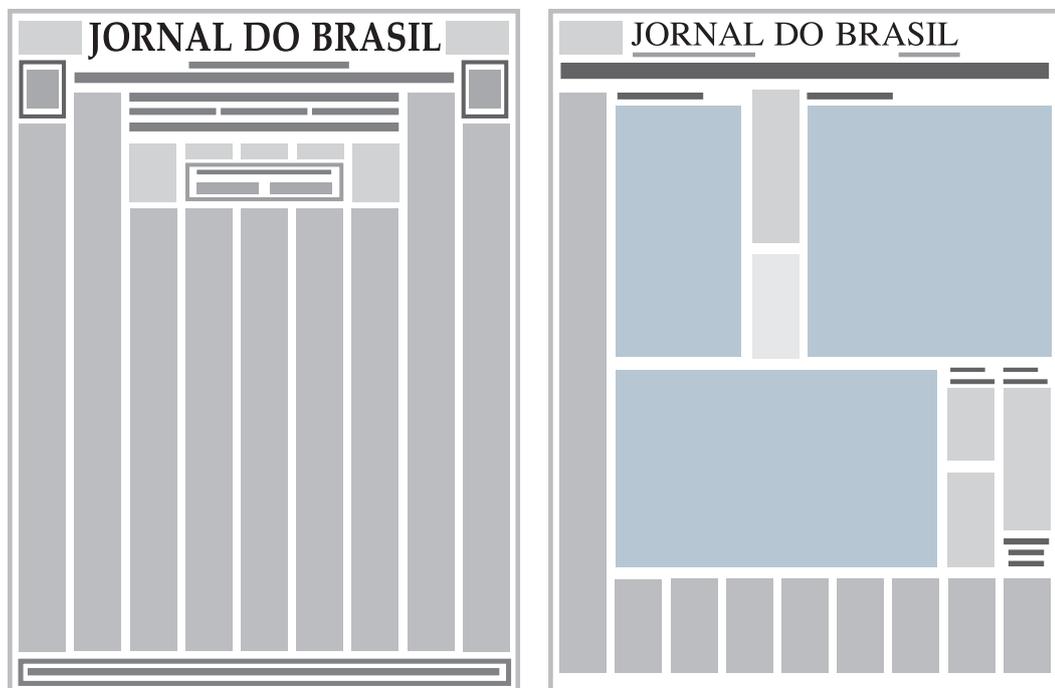
Contraste e assimetria foram os principais recursos adotados pelo projeto de Amílcar, que praticamente rompeu a espinha dorsal que dividia a antiga diagramação em duas metades simétricas. Utilizou os contrastes entre os elementos verticais e horizontais para orientar o leitor por uma página mais funcional e atraente. A tipografia foi padronizada criando unidade visual, diversificou-se em tamanhos e pesos, facilitando a hierarquização do conteúdo editorial. A fotografia, amplamente utilizada, aliou-se às novas técnicas de edição jornalística, oferecendo ao leitor uma síntese visual da notícia. Inspirado pelo concretismo, Amílcar abusou do branco do papel, abrindo maior espaço entre as colunas e eliminando os fios que antes as dividiam, livrou-se de vinhetas, dos tipos de qualidade duvidosa e outros excessos que não pertenciam mais aos novos tempos.

---

4 O Suplemento Dominical foi o embrião do Caderno B, um modelo para os cadernos culturais publicados posteriormente.



Diagramar, em sua definição moderna, é planejar a arquitetura da página levando em conta tanto o aspecto formal quanto o tecnológico. Ciente dessa tarefa, Amílcar foi à oficina do JB para melhor entender como esta funcionava. Lá encontrou uma prática antiquada, onde a diagramação ainda era feita diretamente na rama tipográfica<sup>5</sup>, sem nenhum planejamento que otimizasse tempo e material. Um boneco tosco servia ao paginador da rama, que quase sempre iniciava a distribuição de uma matéria sem saber ao certo que espaço ela ocuparia.



5 Rama tipográfica: espécie de matriz feita de uma liga de chumbo onde os jornais eram montados à medida que os textos eram inseridos.

A reforma, nascida no projeto, encontrou-se com a oficina. Amílcar de Castro foi o introdutor do moderno sistema de diagramação, baseado no cálculo da quantidade de toques das laudas e sua relação matemática com as unidades de medidas tipográficas, onde o diagramador, após quantificar o texto, esboçava sobre um “espelho” do jornal o layout da página, determinando os espaços a serem ocupados por títulos, fotos, anúncios etc. O espelho era posteriormente encaminhado à oficina, servindo de modelo para o paginador combinar os textos linotipados e os clichês das imagens.

A programação visual inserida na construção do poema concreto e refletida no projeto do jornal notabilizava os experimentos, em cuja apresentação procurava valorizar tanto a mancha gráfica do poema quanto o espaço em branco, retirando-lhe a identificação primeira de mero suporte para o texto verbal. O espaço não ocupado pela produção verbal ganhou importância, destacando-se e compondo o conjunto do texto de maneira a nivelar-se à matéria jornalística. Passou-se a trabalhar com a perspectiva de que o suporte da linguagem deixaria de apresentar-se com a quase neutralidade que anteriormente lhe impunham:

“O impulso do jornal para particularizar a importância da paginação tem duplo sentido: identificar o leitor com as artes e técnicas visuais; valorizar o texto com uma distribuição que o torne legível e atraente ao mesmo tempo, acentuando uma sensibilidade plástica que deve contaminar o leitor.”

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. São Paulo: IBRASA, 1972. p. 116-7.

O experimentalismo da poesia concreta e a própria evolução das técnicas de reprodução gráfica incentivaram a prática voltada para o estabelecimento de um projeto gráfico que, preocupado em renovar-se, criou uma nova concepção da apresentação da informação.

“No Brasil, o movimento concretista dos anos 60 influi decisivamente na embalagem de jornais, revistas e livros com uma diagramação que equilibra grandes massas e grandes claros, com coordenadas em retângulos, poucos ornamentos, grandes fotos.”

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. São Paulo: IBRASA, 1972. p. 120.

A página impressa do jornal representou a primeira grande revolução ligada à expansão, apropriação e difusão da informação numa escala nunca imaginada, a planetária.

Foi por meio da imagem formada pela sua capa que a notícia, em preto-e-branco e muitas cores, pôde trazer ao leitor um primeiro contato os fatos à sua volta.

## 2.2 • A informação digitalizada

Após esse cenário de mudanças profundas acontecidas nas décadas de 1950 e 1960, que envolveram a própria concepção do veículo e de sua maneira de relacionar-se com o mundo, coube aos anos 1990 uma outra grande revolução, a informatização das redações no Brasil, que já acontecia em outros centros urbanos desde os anos 1980. Com ela, aumentaram as possibilidades de utilização de recursos gráfico-visuais; os jornais se tornaram cada vez mais parecidos com as revistas e até mesmo com a televisão no uso das cores e imagens. A informatização trouxe maior integração entre as bases de dados presentes na estrutura da empresa jornalística e criou as condições técnicas necessárias para o desenvolvimento dos portais de informação que viriam poucos anos mais tarde.

Esboça-se, visualizando-se as capas, a caracterização de dois tipos de página: uma mais ordenada, com uma distribuição equilibrada do texto verbal e dos recursos visuais, e outra mais orgânica, na qual, às vezes, somente um, ou pouco mais de um, elemento gráfico toma conta da página, assemelhando-se a cartazes.



Foi também na década de 1990 que a Internet começou a ganhar as ruas, obrigando o jornal a reinventar-se. Reformas gráficas cada vez mais constantes mostraram a tentativa de acompanhar as mudanças que a sociedade, em suas novas alternativas de consumo, pretendia. Tratado como mais um produto à disposição, o jornal buscou conformar-se com as regras da padronização trazidas pelos processos de mundialização que se configuravam. Muitos designers estrangeiros foram trazidos ao Brasil, realizando reformas gráficas com alternativas mais próximas àquelas de outros centros, o que motivou a seguinte crítica de Amílcar de Castro, feita em uma entrevista para O Estado de S. Paulo, em 1998: “De um modo geral, acho muito ruins. Graficamente, os jornais pioraram muito. Há a intenção de botar muita coisa numa página só, e essa profusão de títulos e textos, misturados à cor e na distribuição dos assuntos, fica tudo atropelado. Os jornais de hoje não têm caráter. Você passa pela banca, vê os jornais expostos e, se abstrair o nome, não consegue distinguir qual é qual”.

A coincidência do depoimento com a emergência dos meios de comunicação em rede não abre espaço para sua gratuidade ou independência. Não foi o acaso que trouxe para a capa de jornal a tentativa de espelhar uma tal profusão de informações. A simultaneidade dos acontecimentos de forma cada vez mais globalizada, o espelho dessas alterações através do crescimento da rede informacional com suas ofertas em tempo real pressionaram as capas e cadernos dos jornais como mais uma maneira de absorver o dia-a-dia, agora com novas possibilidades e com uma inversão importante: até esse momento, eram as capas dos jornais que mostravam os acontecimentos numa relação produtor  $\Rightarrow$  meio  $\Rightarrow$  receptor; agora, produtor  $\Leftrightarrow$  receptor.

### 2.3 • Aldeia global, Internet e www

“O objetivo específico a ser alcançado era a capacidade de transmitir por via eletrônica a sensação mais completa possível da presença humana para cinco pessoas em particular, em cinco lugares diferentes. Cada uma das cinco pessoas, apartadas no espaço, tinha de acreditar que as outras quatro estavam fisicamente presentes a seu lado.”

NEGROPONTE, Nicholas. *A vida digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 118.

Nascida como um projeto da estratégia militar norte-americana, a Internet teve como idéia inicial criar uma rede que fosse capaz de interligar pontos importantes, como centros de pesquisa e tecnologia ligados a estratégias de defesa. A idéia de independência e de autonomia, compartilhada por institutos de pesquisa acadêmica, guarda a ironia de ter-se transformado numa alternativa ao pensamento massificador dos meios de comunicação dominante na década de 1960, além da própria preocupação de salvar informações exercendo forte controle sobre elas, presentes na condução dos assuntos pelas vias militares.

Durante muito tempo restrito a instituições de ensino e pesquisa, a Internet teve, em 1990, sua chegada ao mercado comercial e o acesso aberto a todos os que tivessem os meios técnicos para o encontro: modem e linha telefônica. A aproximação deu-se a partir do trabalho de um pesquisador: foi Tim Berners-Lee o responsável pelo desenvolvimento de uma interface gráfica, a *World Wide Web (WWW)*, que facilitava a navegação na *web* — antes era preciso conhecer comandos do sistema operacional UNIX para acessá-la. O fato fez crescer o número de usuários, que ultrapassava um milhão no início da década, e também criou condições para a utilização comercial da rede.

Mais importante que sua origem histórica, a Internet nasceu como consequência do processo de evolução que vem acompanhando o acesso e o controle das informações pela sociedade. Lembremos do evento determinante representado pela própria imprensa viabilizada ainda nos idos das idades Média e Moderna. A Internet faz parte desse pensamento em que a própria mídia impressa fora e continua sendo questionada em meio àquilo que já se chamou de “aldeia global”.

Aldeia? O universo de significados continua sua expansão, mas a visão de uma comunidade integrada e discutindo assuntos de domínio de todos não resiste ao contato com a realidade marcada por intensas trocas de valores dentro da “modernidade líquida”<sup>6</sup>, onde uma revolução constante tem alterado nossas relações com tudo o que acontece à nossa volta.

A rede informacional formada pela intensa troca de dados entre computadores conectados criou a possibilidade de ler o mundo em tempo real. O mundo diminuiu mais

---

6 Termo cunhado por Zygmunt Bauman, no seu livro *Modernidade líquida*.

uma vez de tamanho. A “aldeia” imaginada por Marshall McLuhan assemelha-se mais a uma “piscina” de informações onde os “leitores” do jornal impresso transformam-se em “usuários” para banhar-se.

O potencial informacional e econômico da Internet tornou-se evidente, começaram os investimentos tanto na tecnologia como na divulgação da rede. A questão principal é que *sites* como a Amazon e portais como o UOL ou Terra tenham lucro; é preciso, além de ampliar o número de usuários, tornar a Internet cada vez mais necessária no dia-a-dia das pessoas. A memória dos letrados e dos iletrados da Idade Média retornava agora criando os conectados e não-conectados.

Nascia a comunidade virtual. Uma comunidade que não possui local geográfico definido. Cria sua própria espacialidade habitando o ciberespaço, localizado inicialmente no espaço físico dos computadores e que se espalha pelas redes digitais que cruzam todo o planeta. Uma comunidade que pode se reunir todos os dias de forma sincrônica ou assincrônica em busca da troca de idéias, conceitos, aprendizados etc.

“O ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.”

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999. p. 17.

Podem-se descobrir as notícias do outro lado do planeta no momento em que são divulgadas, assistir a filmes, trocar e ouvir música, conversar em *chats*, comprar e vender bens ou serviços, enfim, enviar e receber informações num processo de exposição, descoberta, apropriação, re-mediação e outras tantas faces que serão vislumbradas a partir daqui.

Logo na introdução do seu *Os meios de comunicação como extensões do homem*, Marshall McLuhan nos ensinava que toda tecnologia gradualmente cria um ambiente humano totalmente novo. Os ambientes não são envoltórios passivos, mas processos ativos.<sup>7</sup>”

---

7 MCLUHAN, Marshal. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 2002. p. 10.

Em outro momento, McLuhan discute a “extensão tipográfica”, destacando-a em sua comparação com a carruagem a motor representada pelo automóvel, por exemplo. Dessa maneira, parece ficar mais claro o relacionamento entre as várias extensões humanas e as tecnologias a sua volta.

“A tipografia não se adicionou simplesmente à arte da escrita, como o automóvel não se adicionou ao cavalo. A imprensa também teve sua fase da ‘carruagem sem cavalo’.”

MCLUHAN, Marshal. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 2002. p. 198.

Nesse caminho, cabe o entendimento da Internet como mais uma extensão do humano, ousamos afirmar, a do seu cérebro, tendo a palavra escrita e publicada como a sua referência. Poderíamos afirmar que o meio digital não se adicionou ao meio impresso, ou que o portal não se adicionou ao jornal. Ainda segundo McLuhan, nós só temos consciência do “conteúdo”, ou seja, do velho ambiente. Da mesma forma que o “conteúdo” da TV é o cinema, pode-se afirmar que o “conteúdo” da Internet é a mídia impressa. Ou seja, o que domina a rede mundial de computadores ainda são jornais, revistas e manuais publicados em meio eletrônico.

A primeira Bíblia baseou-se nos exemplares feitos pelos monges copistas, porque este era o modelo tido como referência. E era, também, o modelo que existia na cultura da época. McLuhan nos conta que nas primeiras décadas da imprensa, malcompreendida, não era raro que o comprador de um livro impresso o levasse a um copista para copiá-lo e ilustrá-lo.

“Toda tecnologia nova cria um ambiente que é logo considerado corrupto e degradante. Todavia, o novo transforma seu predecessor em forma de arte. Quando o escrever era novo, Platão transformou o velho diálogo oral em forma artística.”

MCLUHAN, Marshal. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 2002. p. 198

O que tem acontecido é que o design dos portais ainda segue não só o layout utilizado pela mídia impressa, mas também os conceitos. Apesar de todas as possibilidades e recursos técnicos oferecidos pelas novas mídias, a forma de pensar e trabalhar dos desenvolvedores ainda tem como referência a mídia impressa.

Não é a tecnologia que causa a revolução informacional que vivemos, mas, antes, uma exigência para que ela própria possa acontecer.

## 2.4 • Portais de informação

“Portal” no dicionário Houaiss significa:

### Acepções

▪ substantivo masculino

**1** entrada principal, ger. ornamentada, de uma igreja, de um grande edifício etc.; pórtico, portela, portada

**2** fachada principal, onde fica tal entrada

**3** Derivação: por extensão de sentido.  
qualquer porta grande

**4** Uso: informal.

ombreira da porta ou portão

**5** Rubrica: internet.

site na Internet que oferece grande variedade de serviços, tais como correio eletrônico, foros de discussão, dispositivos de busca, informações gerais e temáticas, páginas de comércio eletrônico e outros

▪ adjetivo de dois gêneros (1839)

Rubrica: anatomia geral.

**6** relativo à veia porta

### Etimologia

fr. *portail* (c1165 sob a f. *portal*) ‘grande painel de madeira que serve de porta’, (sXIII) ‘fachada principal onde fica a entrada, esp. em templos; porta grande’; ver *port-*; f.hist. sXI *portillos*, sXI *portales*, sXIII *portal*, sXV *portaaes*

Na Internet brasileira, onde os portais de informação também são, até o momento em que escrevemos, reponsáveis pelo acesso ao “mundo virtual”, diz-se que é a principal entrada para a *web*, ou seja, a primeira página que o usuário acessa ao iniciar sua investigação. É a grande porta que dá passagem para uma série de *sites*. Chama atenção a primeira leitura do termo, que nos faz lembrar das catedrais de construção imponente

citadas quando nos detínhamos em localizar o centro da difusão de informações durante a Idade Média. Parece-nos, não por acaso, que a intenção continua sendo a mesma: apontar, sem sucesso, para a centralização do acesso à informação, algo que não faz sentido num emaranhado de possibilidades abertas pelo virtual.

O usuário tem a possibilidade de passar por vários portais com grande diversidade de serviços oferecidos, o que altera a sua própria definição, uma vez que a análise das ofertas revela-nos que esses *sites*, além de porta de entrada, têm o objetivo de fazer com que os usuários permaneçam em suas dependências o maior tempo possível.

Muitos tratam de assuntos gerais e não apresentam um público definido, buscando oferecer produtos e serviços para o maior número de pessoas possível. Portais para conteúdos específicos procuram atingir um determinado público, observando parâmetros de segmentação, a idade, etnia, sexo etc. e mesmo interesses em um tema específico, como música, arte, animais etc. Existem ainda os portais que se destinam a efetuar transações comerciais (livrarias, leilões etc.) e financeiras (entre empresas ou entre empresas e consumidor final).

UOL e Terra, tratados aqui, têm um público variado e grande oferta de serviços ligados aos grupos econômicos dos quais fazem parte — Folha de S. Paulo e Telefonica. É um público dependente do acesso proporcionado por ambos, quer por serviços em banda larga, quer pelo acesso em linha discada.

O “portal dos sonhos” de qualquer usuário, aquele que consiga prender sua atenção e detê-lo o maior tempo possível, deve considerar diversos pontos além do conteúdo ou do acesso. Uma interface interessante e atraente deve aliar-se à facilidade de uso, usabilidade; de navegação, navegabilidade, e a preocupação com a interatividade, permitindo a troca de informação entre usuários em *chats* e fóruns, e entre o usuário e o próprio fornecedor da informação, em *e-mails* e formulários. Observamos que, quando o assunto é design, há poucas diferenças entre os portais.

A tecnologia tem desenvolvimento constante, e o mesmo ocorre com a maneira como as pessoas se relacionam com ela. Constata-se, apesar disso, que continua-se a trabalhar a Internet como se ela fosse uma extensão da mídia impressa. E, notamos, de maneira diversa daquela, uma extensão que não honra o seu original; quando se imagina

uma revista de variedades ou o caderno de esportes ou cultura de um jornal, a imagem que nos vem à cabeça é de um produto com mais fotos, imagens trabalhadas, uma diagramação diferenciada. Não se faz um suplemento de cultura com a mesma cara de um caderno de economia, por exemplo.

No entanto, quando se acessa a página inicial de qualquer portal, o que se vê são textos divididos em colunas e caixas, como na seção de classificados de um jornal. Temos, provavelmente, dois motivos para este tipo de projeto. Primeiro: no início da utilização da linguagem HTML, a maior parte dos desenvolvedores de *sites* fazia uso de tabelas para alinhar textos e organizar o conteúdo visual das páginas. Segundo: com o surgimento de ferramentas de atualização, o *layout* da página procurou normatizar-se e seguiu padrões preestabelecidos, os *templates*, com seu conteúdo distribuído em módulos ou colunas.

Até que ponto é realmente necessário o uso de *templates* rígidas? Antes de se falar em mudança de design, é preciso mudar a forma de pensar o design na Internet. Apesar de muitas ações estarem atreladas a relações comerciais, é função do designer desenvolver alternativas e apresentá-las ao público. Tudo o que é novo causa estranheza num primeiro momento, mas sem essa ousadia, não há mudança. E sem mudanças, não teríamos nem mesmo a prensa de Gutenberg, quanto mais a Internet.

Uma das justificativas para o design padronizado é a utilização de ferramentas de atualização, onde existe a necessidade de alteração constante de conteúdo. O portal perfeito para o usuário é aquele em que se pode encontrar, com facilidade, informação relevante e sempre atualizada, numa interface ao mesmo tempo simples e instigante, dentro de um *layout* agradável e que, ao acessá-lo, tudo funcione perfeitamente. Independentemente dos interesses e objetivos, é isso o que, em linhas gerais, todo usuário quer. A diferença é que um *layout* agradável com uma interface funcional para alguém que busca informações sobre arte não é o mesmo de outro que quer resultados dos jogos acontecidos num final de semana. O grande desafio do projeto gráfico é transformar-se no ambiente onde pequenos universos, distintos e funcionais, realizem-se.

## 2.5 • A semiótica na leitura das capas impressas e virtuais

Linguagem, comunicação e mídia são partes imprescindíveis da história do homem e sua evolução material e cognitiva. Pareceu-nos ser a semiótica de linha peirceana adequada à investigação de um objeto, a informação/notícia, manifestado na relação clara e dinâmica de seu significado pelo entendimento adquirido através da mente humana projetada ou estendida nos meios digitais presentes na sociedade em rede. É a semiótica que deslinda os diversos códigos presentes em nossos atos comunicativos, estejam eles nas capas impressas dos jornais ou nas capas virtualizadas dos portais de informação da Internet.

“A Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção e de sentido.”

SANTAELLA, Lucia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 15.

É importante perceber que tal entendimento/investigação não nos furta da compreensão das características específicas de cada meio/linguagem investigados. Foi necessário entender do que tratam os meios e o seu funcionamento antes de submetê-los a análise. Peirce nos mostrou através do artigo “Nova lista de categorias<sup>8</sup>” um sistema, uma teoria geral aplicável a qualquer signo sujeito a análise porque sensível àquilo que se manifesta como fenômeno apreensível pela mente humana e dentro da generalização máxima proposta por ele como: (1) primeiridade, (2) secundidade e (3) terceiridade. A semiótica nos habilita, então, a penetrar no movimento interno dos meios/linguagens, dando-nos a possibilidade de empreender os procedimentos e recursos empregados nas palavras, imagens, diagramas, sons, nas relações entre elas, permitindo sua análise. Na linguagem visual, por exemplo, as cores, a disposição das linhas, formas, volumes, seu movimento e dinâmica.

“O primeiro efeito que um signo está apto a provocar em um intérprete é uma simples qualidade de sentimento, isto é, um interpretante emocional. Ícones tendem a produzir esse tipo de interpretante com mais intensidade: músicas, poemas, certos filmes trazem qualidades de sentimento para o primeiro plano. Mas os interpretantes emocionais estão sempre presentes em quaisquer interpretações, mesmo quando não nos damos conta deles.

---

8 Sobre uma nova lista de categorias (Proceedings of the American Academy of Arts and Sciences 7 (1868), p. 287-298.)  
Disponível em < <http://ubista.ubi.pt/~comum/peirce--charles-list-categories.html>>

O segundo efeito significado de um signo é o energético, que corresponde a uma ação física ou mental, quer dizer, o interpretante exige um dispêndio de energia de alguma espécie. Índices tendem a produzir esse tipo de interpretante com mais intensidade, pois os índices chamam nossa atenção, dirigem nossa retina mental ou nos movimentam na direção do objeto que eles indicam.

O terceiro efeito significado de um signo é o interpretante lógico, quando o signo é interpretado através de uma regra interpretativa internalizada pelo intérprete. Sem essas regras interpretativas, os símbolos não poderiam significar, pois o símbolo está associado ao objeto que representa através de um hábito associativo que se processa na mente do intérprete e que leva o símbolo a significar o que ele significa. Em outras palavras, o símbolo está conectado a seu objeto em virtude de uma idéia da mente que usa o símbolo, sem o que uma tal conexão não existiria. Portanto, é no interpretante que se realiza, por meio de um regra associativa, uma associação de idéias na mente do intérprete, associação esta que estabelece a conexão entre o signo e seu objeto. Daí Peirce ter repetido várias vezes que o símbolo se constituiu como tal apenas através do interpretante.”

SANTAELLA, Lucia. *Semiótica aplicada*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002. p. 24.

Quando analisamos as primeiras páginas, temos um movimento de significação que atinge a ambos os meios desde o primeiro efeito que provoca, culminando com o simbólico caracterizado pela página do portal de informação na Internet.

Vejamos: a qualidade de sentimento está presente sempre, mesmo quando não nos damos conta dela. O segundo efeito também é claro: a página do jornal requer esforço físico para que seja tomada e interpretada, é o papel que se desdobra sob os cuidados do leitor, seus olhos estão sempre em movimento para localizar e entender as imagens e textos referenciados. O terceiro efeito consagra a página do portal por excelência, é necessária uma regra de interpretação para que ela exista, envolve-se a lógica da gramática com a dos pixels em códigos que se mostram numa profusão de “zeros” e “uns” dentro da imagem que se realiza à frente do usuário. São códigos que preenchem a primeira página antes mesmo da sua interpretação, fez-se necessária uma interface que mostrasse os caminhos para que nossa mente pudesse relacionar-se com eles. Tem-se um aparato, o computador, como instrumento que possibilita o encontro do usuário com seu destino ligado à Internet. Um emaranhado de símbolos, o simbólico, que é a própria Internet.

A imagem formada pelas capas envolve todo o conjunto de informações presentes em sua trama. Algumas cores predominam, outras apenas são pinceladas. O azul é uma

cor fria, o amarelo, uma cor quente, o branco não é cor, o laranja é brilhante, o vermelho é intenso e forte.

Elas podem encantar, emocionar. A síntese das cores é o branco, que é o fundo de impressão que suporta os textos do jornal e é a base do portal onde os mesmos textos podem ser iluminados. As linhas são eficazes, porque sugerem movimento, dando a sensação de suporte. As linhas diagonais, a simetria ou assimetria do projeto a ser seguido, todas as linhas imaginárias ou não que povoam a imagem têm o poder de transmissão de um significado.

A distribuição de elementos constituintes das imagens das capas — desenhos, símbolos, a massa de texto — faz com que a página fique mais sedutora para o leitor e/ou usuário. E assim para o navegante.

As imagens produzem sensações. Na imagem das capas predomina a complementaridade, as mensagens são organizadas de maneira que o resultado visual seja capaz de transmitir informação. O texto, as palavras se relacionam com as imagens, predominando também a complementaridade.

As capas apresentam uma estrutura própria que as determina, fazendo com que sejam diferentes entre si e de qualquer outro veículo como a TV ou o rádio. A notícia apresentada pela capa funciona como um núcleo, um ponto de partida para a compreensão do que quer o jornal ou portal. Temos um sistema semiótico que nos ajuda a entender a informação apresentada como uma equação matemática, onde há equivalência de grandezas — uma subsequente à outra —, sendo que a primeira é a fonte da subsequente num processo de semiose. Só existe algo expresso em consequência da existência de seu anterior:

Fonte determina Informação

Informação determina Notícia

Notícia determina Gênero<sup>9</sup>

---

9 Gêneros aqui são jornalísticos — notícia, reportagem, entrevista etc. — e gêneros discursivos — título, legenda etc.

Gênero origina o Objeto (Objeto / Produto / Signo)<sup>10</sup>

Na geração dos gêneros é que reside a noção do jornal e do portal de informação como sistema semiótico.

“Os Objetos — pois um Signo pode ter qualquer número deles — podem ser uma coisa singular existente e conhecida ou coisa que se acredita ter anteriormente existido ou coisa que se espera venha existir ou uma coleção dessas coisas ou uma qualidade ou relação ou fato conhecido cujo Objeto singular pode ser uma coleção ou conjunto de partes ou revestir algum outro modo de ser, tal como, algum ato permitido, cujo ser não impede que sua negação seja igualmente verdadeira ou algo de natureza geral, desejado, exigido ou invariavelmente encontrado sob certas circunstâncias comuns (2.232).”

*apud* SANTAELLA, Lucia. *A teoria geral dos signos*. São Paulo: Pioneira, 2000. p. 34.

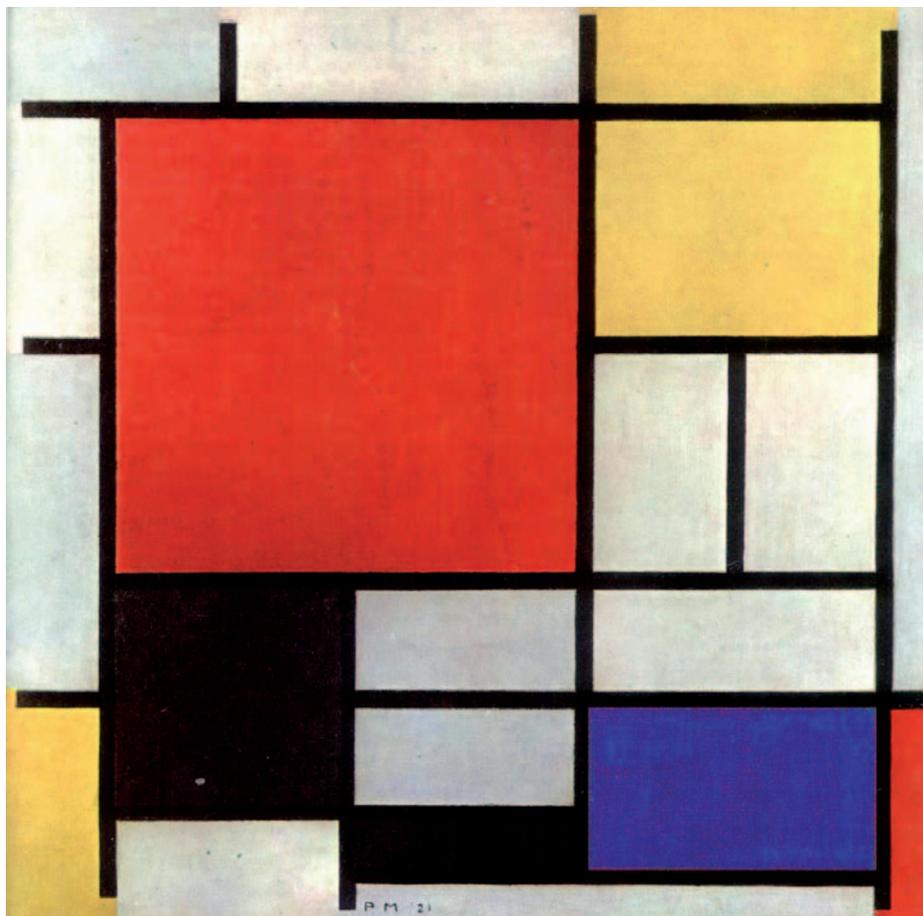
Note-se que estamos afirmando que a notícia dentro dos suportes propostos existe como resultado da atividade jornalística. Nessa estrutura, o trato da informação está centrado no exercício do jornalismo ligado aos meios impressos, o que determina a ação de um meio, o portal, como consequência do outro, o jornal. Vemos no portal de notícias um objeto que é diferente do seu inspirador, e se a notícia vem de um tratamento jornalístico, essa herança não deveria vazar suas tintas para as telas dos microcomputadores.

Assim, a notícia é signo da informação num objeto, portal de informação ou jornal, que a determina, e num interpretante — o leitor (primeiridade), usuário (secundidade) ou navegante (terceiridade) —, determinado por esta relação.

---

<sup>10</sup> *Em branco não sai. Um olhar semiótico sobre o jornal impresso diário*. Djalma L. Benettre, tese de mestrado apresentado na PUC, 2001.

### 3 • DESENVOLVIMENTO



“Composição com superfície grande vermelha, amarelo, preto, cinzento e azul”, óleo sobre tela, 59,5x59,5cm, Haia, Haags Gemeente Museum.

#### 3.1 • Mondrian e a visualidade das capas impressas e virtuais

Os meios/linguagens podem ser analisados em si mesmos, suas propriedades internas, isto é, em seus aspectos qualitativos e/ou sensoriais. Como exemplo: na linguagem visual observamos as cores, linhas, formas, volumes, movimento, dinâmica etc. É dessa forma que resolvemos analisar as capas, como imagens isoladas. Lembrando a Introdução deste projeto, “as imagens são mediações entre o homem e o mundo, cabendo às imagens representá-lo”. Num exercício de abstração resolvemos abrir mão da análise particular de cada objeto presente nas capas, quais sejam, imagens, textos, elementos gráficos diversos. Entendemos que a imagem final representada pelas capas deveria ser

tomada como um todo que se relaciona com o interpretante de maneira dinâmica e busca o seu entendimento de maneira geral e orgânica.

Procederemos a uma análise semiótica do quadro “Composição com superfície grande vermelha, amarelo, preto, cinzento e azul”<sup>1</sup> do artista plástico Piet Mondrian<sup>2</sup>, datado de 1921. Este exercício nos ajuda, por aproximação, a entender a análise proposta e sua vinculação ao nosso objeto de pesquisa. Repetiremos um exercício que já fora feito anteriormente quando foi mostrado o relacionamento explícito da poesia concreta com o desenvolvimento do design gráfico.

O quadro revela com intensidade as características do movimento neoplástico, fundamentado na economia das formas, linhas horizontais e verticais, construindo um espaço de equilíbrio assimétrico entre suas formas. As cores primárias revelando e organizando as dimensões pelas quais a pintura se espalha. Mondrian, introdutor do movimento, procurou desde muito cedo uma solução que pudesse abstrair a realidade da arte. Incomodava-o, mesmo nos momentos de efervescência do Cubismo, a necessidade de prender-se à realidade para retratá-la. Como participante e fundador da revista *De Stijl*, pôde trazer das artes gráficas a organização do espaço que por fim foi experimentado nas telas.

“Composição com superfície grande vermelha, amarelo, preto, cinzento e azul” está inserido num grande momento da genialidade de Mondrian. A economia e o pensamento modernizante de sua obra eram tão intensos que nomeava seus quadros como se fossem peças de uma linha de produção. A pintura como signo representa algo, o que poderia ser? É um abstrato, não guarda a necessidade de identificar-se a qualquer objeto fora dos limites dele próprio. Fala à mente encontrando um interpretante que percorra seus cruzamentos fortes de linhas e cores.

Ao “abrir os olhos do espírito”<sup>3</sup>, somos tomados pelo enorme quadrado vermelho que salta da tela e nos atinge em cheio, os olhos encontram uma trama organizada, num diagrama valorizado pelo branco numa demarcação do espaço que se por um lado apri-

---

1 Óleo sobre tela, 59,5x59,5cm, Haia, Haags Gemeente Museum. Imagem baixada do sítio acessado em 4/2/2006, às 15h 10min, <<http://www.whimsyspeaks.com/images/Mondrian.jpg>>

2 Mondrian, 1872–1944, foi um pintor holandês modernista. Participou do movimento artístico Neoplasticismo e colaborou como artista gráfico com a revista *De Stijl*.

3 SANTAELLA, Lucia. *Semiótica aplicada*. São Paulo: Pioneira Thompson, 2002. p. 86.

siona o observador, por outro cria as condições para libertar seu olhar dos índices das escolas figurativas.

Pois bem, voltando às primeiras impressões, aquelas nascidas da primeiridade, são as qualidades vibrantes do azul, do vermelho e do amarelo que invadem o interpretante. A matriz em preto restringe a ação transbordante do vermelho para emoldurá-lo nas formas do preto que evita entrecortá-lo. Não tem a mesma sorte o amarelo que o acompanha; atravessado pela força da linha preta em sua cintura, corta-o pela horizontal como a dividi-lo em dois momentos de desfrute, o antes e o depois do corte. Outro amarelo se abre pela diagonal esquerda, está próximo dos limites da tela e se esforça para ultrapassá-lo, parecendo estender-se para o contato como num abraço que encontraria à direita o azul intenso, quase preto...

Pequeno aparte: o quadro utilizado foi encontrado pela Internet, sua análise se deu através da visão da tela iluminada de monitor. É justo declarar que sua interpretação sofre dos limites impostos pela navegação, sua luminosidade vem da emissão, e não da reflexão da luz; ainda existem todos os problemas decorrentes das diversas possibilidades de regulação dos aparatos eletrônicos sem questionarmos, ainda, como a imagem do quadro foi digitalizada para nosso contato.

Feito o aparte, voltemos para a análise. O azul, preso pelas linhas pretas que o contornam, mostra sua força, é parte importante do equilíbrio que se mostra assimétrico, compensa a leveza e alegria do amarelo à esquerda e ainda encontra o limite de contato de outra área vermelha, menor, mais acanhada, limitada pelo corte abrupto da tela. Ainda o azul, existe um halo avermelhado que o acompanha; sabemos que Mondrian não o teria gerado, as cores deveriam ser todas puras, foi provavelmente a maneira com a qual a imagem foi trazida para a Internet que fez surgir o halo, lamentável dentro do que conhecemos do seu autor, mas compreensível dentro das possibilidades que o signo encontrou quando da sua re-significação num meio diferente do seu original.

A trama construída pelas linhas horizontais e verticais tem seu momento de maior controle quando a percebemos ganhando à força as duas áreas maiores, de um cinza escuro, ainda esforçando-se para, ao menos, igualarem-se à trama. Não conseguem. Mostram-se aprisionadas como seus pares azuis, vermelhos e amarelos. Nada escapa à trama,

e mesmo as manchas que conseguiram estão todas presas à determinação dos traços que as acompanham.

A arte abstrata não representa objetos próprios da realidade exterior; faz uso, na verdade, das relações formais entre cores, linhas e superfícies para compor a realidade da obra, de uma maneira liberta da representação e do figurativo. Uma forma de expressão que busca o pensamento para seu usufruto, não permitindo através de sua iconicidade identificar elementos que se assemelham a outros pela simples observação da tela. Exige-se mais. O quadro pede por um interpretante em terceiridade que traga para si o prazer de suas linhas e o deleite de suas cores — seu objeto dinâmico. Aproveita para apontar a discussão do aproveitamento do espaço gráfico por ele antecipado. O ícone surgiria com o jornal e com a revista, com a mudança na direção do olhar proposto pela sua plasticidade.

Há que se verificar que os tipos de relações são traçados com o objeto dinâmico trazido pela pintura: icônicos, indiciais ou simbólicos. Não existe qualquer identificação exterior, suas referências pertencem ao universo representado pelas suas formas, puramente icônico. Novamente somos lançados aos projetos gráficos que usam tramas semelhantes para sua realização.

A relação indicial revela-se em seus argumentos internos, da própria composição. Como já foi dito, estamos falando sobre o dinamismo das “conversas” entre linhas e cores entre si e com a tela, é uma conversa interna, quase um pensamento mediado pelo exercício de um equilíbrio que não se conforma com as dimensões da tela porque não observa sua simetria, é assimétrico. Há ainda que recordar o nome atribuído à tela por seu autor, “Composição com superfície grande vermelha, amarelo, preto, cinzento e azul” — faz parte de uma seqüência de trabalhos executados por Mondrian durante o seu período em Paris numa produção onde o artista experimentava os horizontes de sua técnica.

O relacionamento externo à pintura revela mais uma vez o caminho do projeto gráfico como possibilidade. Lembremos novamente que Mondrian fez parte da revista *De Stijl*, cuja influência foi fundamental para o nascimento do movimento neoplástico. O poder de discernimento de suas experiências plásticas toma outro rumo, projeta-se para fora do quadro e se espalha por suas pinceladas. Suas obras possuem profunda relação

com a vida metropolitana, sempre permeadas, direta ou indiretamente, pela música e pela dança, artes temporais pertencentes ao urbano. Mondrian identificava no ambiente moderno da Paris da primeira metade do século XX as premissas de sua teoria neoplástica procurando o “equilíbrio universal” entre formas e cores.

Voltemos às nossas capas, agora ajudados que fomos pelas idéias e propostas apresentadas por Mondrian.



A superposição das imagens nos ajuda a entender parte das intenções dos projetos que foram desenvolvidos para as capas do jornal e do portal. O exemplo nos mostra o diagrama das páginas e o seu funcionamento, optou-se por atribuir cores básicas — amarelo, azul, vermelho — a cada parte do diagrama buscando a relação cromática predominante em suas fotos/gráficos originais, as áreas com texto foram padronizadas em gradações de cinza. A trama de construção da página com suas divisões foi feita em preto.

**O ESTADO DE S. PAULO**

**Assessor do PT é preso com mala de notas e US\$ 100 mil sob a roupa**

Ele trabalha para um deputado que é irmão de Genoino, e foi pego no Aeroporto de Congonhas

**Já são mais de 50 mortos em Londres**

Foram resgatados 49 corpos, mas ainda há outros dentro de um túnel do metrô

**Dodge ia para o trabalho, Virus herói mundial**

**Hidroelétrica começa a inundar floresta no Sul**

**Acordo evita quebra de potente de droga anti-álcool**

**SP festeja a 9 de Julho em monumento abandonado**

**Riches deixaram para US\$ 50 bil milhões para a África**

**Helio Costa forma posse e já compra brigas com telefonia**

**Grupo de Dircen quer manter cargo de Genoino**

**Costa assume e afirma que telefone fixo**

**Uma família alta**

**O selvagem despertar de um sonho agradável**

**Letramentos de escolas prejudicam o tratamento**

**Sobinho ormai se não consegue o sonho, da Pôr**

**Inter oficial tem 14 deflatores em alavancas**

**HERESIN**

**Historia milhar, que evitar em O**

**Letramentos de escolas prejudicam o tratamento**

**Sobinho ormai se não consegue o sonho, da Pôr**

**Inter oficial tem 14 deflatores em alavancas**

**FOLHA DE S. PAULO**

**Petista é preso com R\$ 437 mil em notas**

**Presidente da CUT fica com o Ministério do Trabalho**

**Mortes em Londres chegam a 50**

**Grupo de Dircen quer manter cargo de Genoino**

**Costa assume e afirma que telefone fixo**

**Uma família alta**

**O selvagem despertar de um sonho agradável**

**Letramentos de escolas prejudicam o tratamento**

**Sobinho ormai se não consegue o sonho, da Pôr**

**Inter oficial tem 14 deflatores em alavancas**

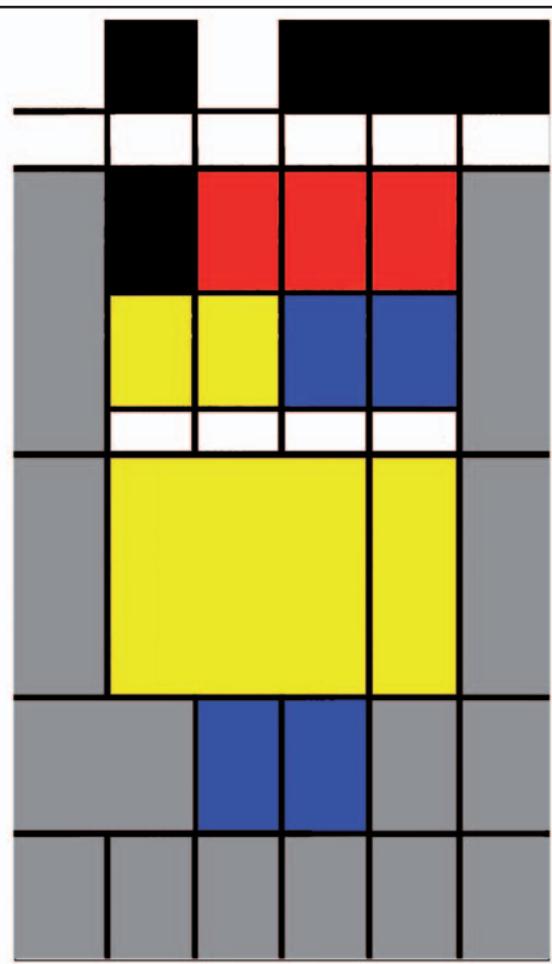
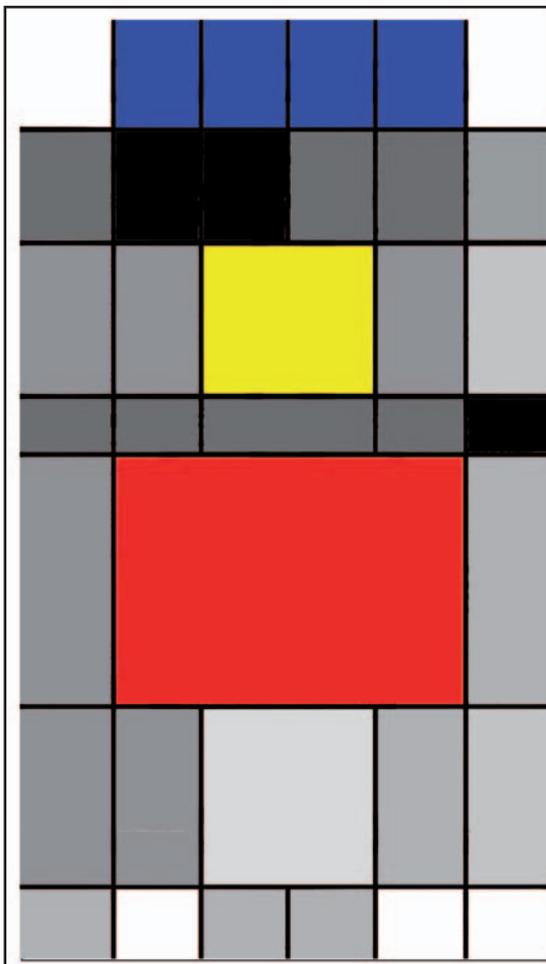
**HERESIN**

**Historia milhar, que evitar em O**

**Letramentos de escolas prejudicam o tratamento**

**Sobinho ormai se não consegue o sonho, da Pôr**

**Inter oficial tem 14 deflatores em alavancas**



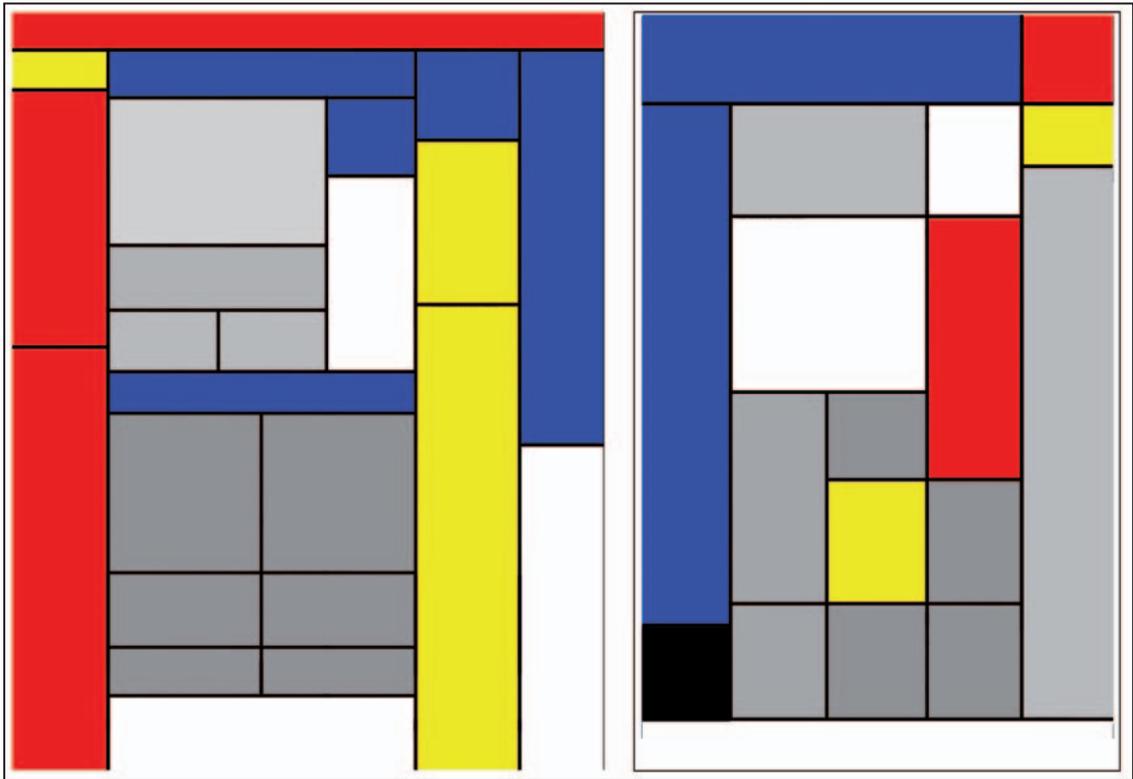
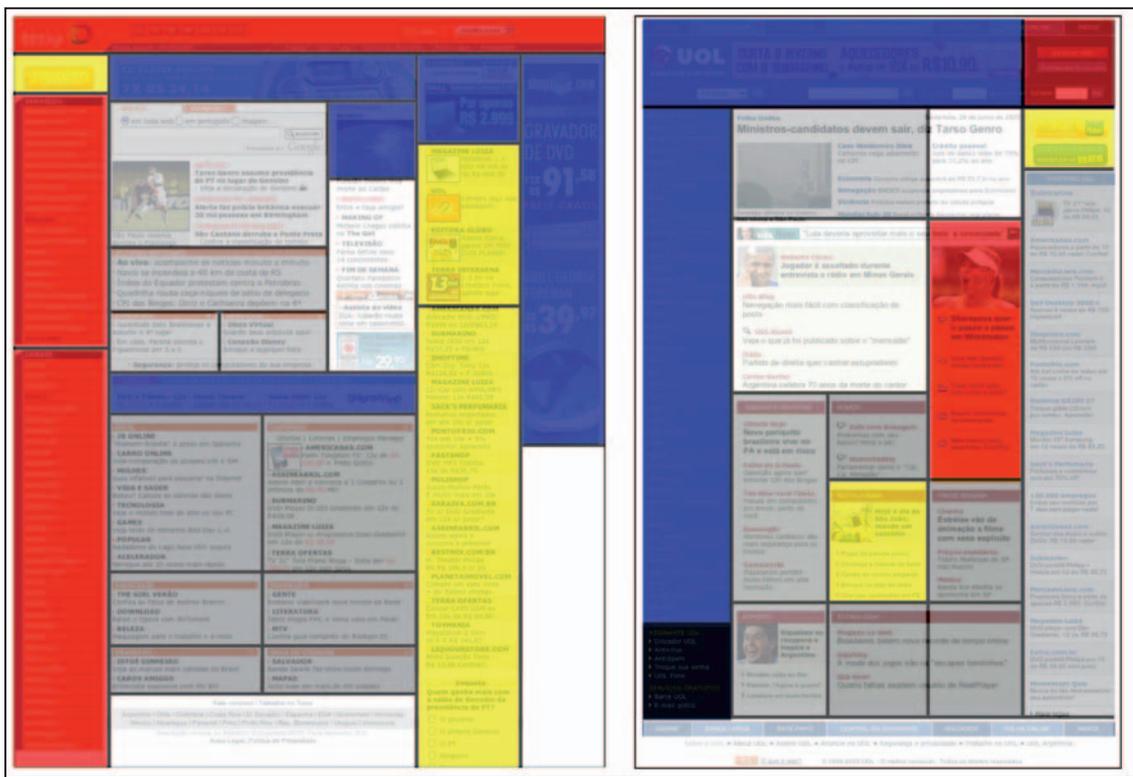
Numa leitura das imagens como primeiridade, notamos, a partir do modelo apresentado, o equilíbrio assimétrico proposto por Mondrian. São formas, traços, massas de cores que enfatizam a verticalidade da sua distribuição.

A leitura em secundidade nos revela a tensão das formas ganhando seus contrapesos em outros elementos cromáticos ao longo das linhas e formas organizadas num *layout* quase neoplástico, claro, guardadas as enormes distâncias da originalidade do autor em relação às propostas de páginas e a atribuição de cores feita aqui.

A página, agora a terceiridade, nos mostra seu sentido de entendimento, quase um mergulho nas suas cores procurando enfatizar sua ordem de leitura, mas um detalhe é importante: ao contrário da pintura de Mondrian, onde o diagrama mostra alternativas de “fuga” da trama formada pelo diagrama, a primeira página do jornal não nos dá a mesma chance. Prende-se à dimensão do papel e nos amarra ao diagrama.

Como leitores das notícias feitas a partir de sua primeira página, sabemos que a alternativa vem da continuidade do texto impresso e da indicação “página XX” ou “caderno YY”. O caminho de leitura está traçado e limitado às páginas do jornal.





Repetindo a comparação e fazendo uso da mesma “liberdade” de investigação, que nos permitiu a referência à obra de Mondrian aplicada às primeiras páginas do portal, o que notamos? O mesmo modelo de aplicação. A semelhança é tão avassaladora

que, em última instância, poderíamos trocar um diagrama por outro e ninguém notaria a diferença, não fosse, é claro, a transparência, que nos denuncia a página original daquela do modelo.

A coincidência mais marcante, usuários que somos das primeiras páginas do portal e leitores que somos das primeiras páginas do jornal, acontece na ordem de leitura da notícia. Em ambos temos uma indicação da sua continuidade, no portal temos um *link*, uma indexação que nos conduziria à notícia, porque na primeira página temos títulos de apenas uma linha nos dizendo do que trata a informação. Uma vez mais tem-se a linearidade da informação como prerrogativa para a sua construção e mais uma vez o leitor, agora usuário, não encontra as alternativas, outros *links*, talvez, para transformar-se pelas vias do hipertexto em navegante da informação e construtor da sua notícia. Pode repetir apenas o caminho do *zapping* buscando uma alternativa conhecida: usar o seu “controle remoto” no programa navegador e sair à procura de um outro endereço na rede que melhor o satisfaça.

Preso à trama construída pelo jornal, seu primo-irmão impresso, o portal vê-se amarrado às linhas-formas-cores-diagramas-soluções-etc., propostas para o universo seqüencial da notícia bidimensional presa ao papel, e ainda não buscou libertar-se desse modelo, como as “manchas” amarela e vermelha “escapam” do nosso “Composição com superfície grande vermelha, amarelo, preto, cinzento e azul”, nem percebeu que a trama construída por Mondrian não chega até o limite físico de seu suporte, encerra-se antes para permitir sua continuidade na mente do interpretante.

### **3.2 • Matriz comparativa**

As capas dos jornais em tudo se parecem. Diferenças ligadas às escolhas de tipologia ou à apresentação de seus logotipos. Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo fazem parte das mesmas soluções gráficas que vêm escrevendo os caminhos da grande imprensa brasileira desde a década de 1950. Ambos passaram por um sem-número de reformas gráficas, e nesse momento, estão muito semelhantes. Mantêm entre si diferenças quanto à sua maneira de trabalhar o volume de informações recebidas e a partir daí transformá-las em notícias para suas páginas. Nota-se, por exemplo, o tratamento dado aos títulos ao

noticiar o mesmo evento acontecido à véspera. Nosso exemplo já utilizado anteriormente tem data de sábado, 9 de julho de 2005:

OESP: “Assessor do PT é preso com mala de notas e US\$ 100 mil sob a roupa”

FSP: “Petista é preso com R\$ 437 mil em notas”

OESP: “Já são mais de 50 mortos em Londres”

FSP: “Mortos em Londres chegam a 50”

Ambos os veículos diferenciam-se pela maneira de indiciar seus títulos dando-lhes os destaques associados ao melhor acompanhamento dos públicos aos quais se destinam. Nota-se um cuidado maior em explicar as chamadas dos títulos na capa do O Estado de S. Paulo; uma diferença grande na qualidade da informação pode ser notada no segundo destaque quando um veículo trata de “mais de 50 mortos”, enquanto o outro afirma que “chegam a 50”, indicando, talvez, um maior cuidado na tomada da informação antes de torná-la notícia, ou ainda a diferença no fechamento e publicação de um veículo em relação ao outro. Como afirmamos anteriormente, nada que um passante atento à exibição das capas deixaria de investigar, habilitado que está a compará-las, e poderia, assim, construir a sua leitura a partir da simultaneidade proporcionada pela visita.

As fotos destacadas por ambos os jornais estão identificadas aos fatos relatados, não há necessidade de buscá-las em outro lugar, estão próximas. Complementam a informação emprestando-lhes veracidade em suas cores e na maneira pela qual são aplicadas ao *layout* simétrico do impresso. Seis colunas de igual tamanho cortadas ao meio pela divisão proposta na disposição das imagens e títulos de maior importância.

A leitura, lembremos, se dá pela diagonal da esquerda para a direita, de cima para baixo. Os títulos mais importantes localizam-se no alto, são maiores, ocupam o espaço da página na sua horizontalidade. Dão pistas ao leitor da sua importância e da necessidade de tê-los logo num primeiro momento de leitura. Determinam o tempo para sua apreensão na sugestão da dobra da página: a parte de cima e a parte de baixo, o antes e o depois.

**O ESTADO DE S. PAULO**  
SÁBADO

**Assessor do PT é preso com mala de notas e US\$ 100 mil sob a roupa**  
Ele trabalha para um deputado que é irmão de Genoíno, e foi pego no Aeroporto de Congonhas

**Lula tira Jucá da Presidência e põe Marinho no Trabalho**  
O presidente Lula anunciou a substituição de Jucá por Marinho no cargo de ministro do Trabalho

**Trêmulo pelo RS**  
Lula assina uma carta de apoio ao governador do Rio Grande do Sul

**Já são mais de 50 mortos em Londres**  
Foram resgatados 49 corpos, mas ainda há outros dentro de um túnel do metrô

**Hélio Costa toma posse e já compra briga com telefonia**  
O novo governador de São Paulo tomou posse e anunciou a compra de uma empresa de telefonia

**Dodge ia para o trabalho. Virou herói mundial**  
Um caminhão Dodge foi usado para salvar vidas durante o terremoto em Haíti

**Ricos dobram para US\$ 50 bi ajuda para a África**  
Um grupo de bilionários anunciou uma doação de US\$ 50 bilhões para ajudar o desenvolvimento da África

**Hidroelétrica começa a inundar floresta no Sul**  
O projeto de uma usina hidrelétrica no Sul do Brasil está causando preocupação ambiental

**Acordo evita quebra de patente de droga anti-aid**  
Um acordo foi assinado para evitar a quebra de uma patente de um medicamento anti-aid

**SP festeja o 9 de Julho em monumento abandonado**  
O aniversário de 9 de Julho foi comemorado em um monumento abandonado em São Paulo

**Executivo da VW se desfilou sob chuva**  
O executivo da Volkswagen se desfilou em um carro durante uma chuva

**PCPA de junho teve deflação de 0,02%**  
O Índice de Preços no Consumidor Amplo (IPCA) de junho teve uma deflação de 0,02%

**Créditos, US\$ 1 trilhões em dívidas**  
O Brasil possui US\$ 1 trilhões em dívidas

**A demanda que se impõe**  
A demanda por serviços de saúde está aumentando rapidamente

**FOLHA DE S. PAULO**  
São Paulo, sábado, 24 de maio de 2006

**Petista é preso com R\$ 437 mil em notas**  
A Polícia Federal apreendeu um homem com mais de R\$ 400 mil em dinheiro em espécie

**Presidente da CUT fica com o Ministério do Trabalho**  
O presidente da CUT, João Luiz Araújo, foi nomeado ministro do Trabalho

**Mortos em Londres chegam a 50**  
O número de mortos no atentado de Londres chegou a 50

**Grupo de Dirceu quer manter cargo de Genoíno**  
Um grupo de políticos quer manter o cargo de governador de São Paulo

**Costa assume e afirma que telefone fixo tem tarifa alta**  
O novo governador de São Paulo afirmou que a tarifa de telefone fixo é alta

**O selvagem despertar de um sonho agradável**  
Um homem acordou de um sonho agradável

**GM promete ajudar a ajuda à África**  
A General Motors promete ajudar o desenvolvimento da África

**Letras ruins de médico prejudicam ostratamentos**  
Escrituras ilegíveis de um médico prejudicaram os tratamentos

**Robô não erra se não conseguir acordo, diz Pelé**  
Pelé afirmou que um robô não erra se não conseguir um acordo

**Índice oficial tem 14 deflação em dois anos**  
O índice oficial de preços teve 14 deflações em dois anos

Se as capas dos jornais em tudo se parecem, o que dizer das capas dos portais? Como mostramos anteriormente ao submetê-las à análise semiótica e emprestar-lhes as cores de Mondrian, são “igualmente” iguais. A grande diferença se dá pelo simultâneo das chamadas das suas capas. O tempo do jornal permaneceu congelado no dia anterior à sua publicação, a notícia pode prestar-se à reflexão e à comparação pública.

Nas capas do portal a sua imediatez impõe-se como predominante, nem diferenças no uso de tipo e na escolha das suas imagens obedecem a outros critérios, nem sempre perceptíveis. Todos os recursos gráfico-visuais estão a serviço da padronização e agilização do processo de “pôr no ar”, “subir”, “atualizar” as notícias da capa, uma imposição, novamente, do simultâneo dos acontecimentos.

As imagens abaixo foram feitas no mesmo momento, 24 de maio de 2006, às 11h 45min. A intenção foi apresentar os destaques selecionados pelos portais para serem noticiados.



**COPA 2006 TV**  
DIRETO DA SUÍÇA VIA SATÉLITE

AO VIVO  
ASSISTA  
AO TREINO  
DA SELEÇÃO  
EM WEGGIS

**Ao vivo Veja as últimas notícias da Seleção**

**Notícias**

## Brasil será "maior potência energética da Terra", diz Lula ao jornal *Le Monde*

- PT vai anunciar candidatura de Lula em 24 de junho
- Presidente "governa para os ricos", afirma Alckmin

**Copa 2006**

### Blatter: violência não descarta Brasil de sediar Copa

- Ronaldo treina separado do grupo em Weggis
- **Direto da Suíça Médico prevê descanso para Ronaldinho**
- Kahn e Ballack processam sex shop por uso de nomes

**Máfia das ambulâncias**

Quarta-feira, 24 de maio de 2006

## Congresso desiste de investigar "sanguessugas"



**Incêndio deixa feridos e fecha aeroporto da Turquia**

**UOL Economia**  
Mercado segue nervoso, e dólar sobe mais de 2%

**Internet**  
52% da classe alta acessa a Web todo dia

---

**Atrito** Lula pede que Chávez separe ideologia de comércio

**PB** Caminhão com estudantes bate em ônibus e 13 morrem

**Iraque** De pijama, ex-premiê diz que Saddam é inocente

**Seleção** Ronaldo treina separado do grupo no 1º trabalho

O primeiro recorte foi feito a partir do portal Terra. O segundo veio do portal UOL. Notam-se escolhas bem distintas sobre o que merece destaque nas duas capas. Com exceção dos assuntos ligados à Copa do Mundo, não há coincidência quanto às notícias veiculadas. A disposição dos títulos em duas linhas no Terra, em uma no UOL não é circunstancial, a trama dos projetos de ambos pode permitir variações deste tipo desde que obedientes ao espaço compactado da capa submetida à lógica que prevê mais notícias em menos tempo.

**JORNAL DO TERRA**

### Explosão atinge maior aeroporto turco. Veja

ASSISTA AGORA

**Ao vivo Sanguessuga: CPI deve ser arquivada**

**Mega-Sena** Prêmio é de R\$ 16 mi. Aposte aqui!

**Futebol** Santos quer trazer Elano de volta

Quarta-feira, 24 de maio de 2006

## Congresso desiste de investigar "sanguessugas"

**UOL Economia**  
Mercado segue nervoso, e dólar sobe mais de 2%

**Internet**  
52% da classe alta acessa a Web todo dia

Passados 30min, tomamos novas imagens dos portais. Agora tratavam da mesma notícia em seus destaques, resultado da divulgação de uma informação por uma fonte comum aos dois portais, a pesquisa CNT/Sensus.



**COPA 2006 TV**  
DIRETO DA SUÍÇA VIA SATÉLITE

AO VIVO  
ASSISTA  
AO TREINO  
DA SELEÇÃO  
EM WEGGIS

Ao vivo Veja as últimas

**Notícias**

**Lula vence no 1º turno em todos os cenários, diz pesquisa CNT/Sensus**

- TSE veta showmícios e derruba restrições a pesquisas
- Presidente "governa para os ricos", afirma Alckmin

---

**Copa 2006**

**Ronaldo aceita treinar mais que o resto do grupo**

- Blatter: violência não descarta Brasil de sediar Copa
- Direto da Suíça Médico prevê descanso para Ronaldinho
- Kahn e Ballack processam sex shop por uso de nomes

Quarta-feira, 24 de maio de 2006

**Folha Online**

**Lula venceria eleição no 1º turno, diz CNT/Sensus**



Incêndio deixa feridos e

**"Sanguessugas"**  
Congresso desiste de investigar envolvidos

**UOL Economia**  
Mercado segue nervoso, e dólar sobe quase 2%

---

**Tecnologia** 52% da classe alta acessa a Internet todo dia

---

**PB** Caminhão com estudantes bate em ônibus e 13 morrem

---

**Iraque** De pijama, ex-premiê diz que Saddam é inocente

---

**Seleção** Ronaldo treina separado do grupo no 1º trabalho

Os título principal informa o leitor/usuário sobre o assunto a ser desenvolvido, mas a notícia não segue além dele. Logo abaixo temos outras notícias e outros assuntos lançados à percepção, ao exercício de *scanning* da página numa profusão de temas que cabe ao usuário/leitor decifrar.

Ao apresentar as diferenças e semelhanças nas capas impressas e virtuais, percebemos a necessidade de construir nossa matriz comparativa situando ao menos num mesmo dia para identificarmos do que tratavam os seus títulos principais e em qual interface o leitor, usuário ou nosso navegante da informação poderia servir-se melhor da notícia. Selecionamos as capas do jornal O Estado de S. Paulo e do portal Terra datados de 26 de junho de 2005 para serem colocadas lado a lado em nossa análise.



A divisão em quatro seções distintas não se deu ao acaso; enfatizamos, através dela, a semelhança entre as duas propostas das capas e podemos destacar, lado a lado, o seu funcionamento e a partir dele seguir para o seu entendimento.

### **Terra - portal**

- a exibição da página não acontece na sua totalidade, 1/2 página
- a leitura se dá por um movimento de *scanning* da página em busca das notas ou informações que despertem o interesse
- a percepção da informação fica submetida aos espaços ocupados pelas notícias, fotos, cores e suas possibilidades de gerar espacialidade — ocupação do espaço virtual “realizado” pelo usuário
- grande quantidade de notas dispersas pela página, descontinuidade na leitura
- homogeneização do *layout*
- sobreposição de informações, animações, presença do shopping ao lado da notícia gerando simultaneidade de informações com atribuições diferentes

### **O Estado de S. Paulo - jornal**

- a página se mostra em sua totalidade
- há uma sugestão de percepção da página buscando a linha diagonal como referência
- os títulos oferecem o caminho de leitura com informações que o qualificam
- maior riqueza de imagens na capa
- é estático
- existe um jogo: cabe ao leitor percorrer os caminhos sugeridos para a leitura
- textos justificam títulos e sugerem continuidade de entendimento
- uso do branco como “relaxamento” no processo de leitura e valorização de elementos da página
- absorção de alternativas de “tomada” da informação vindas da Internet: vários assuntos apontando alternativas de leitura fora da capa, como *links* para continuidade de assuntos “menos” importantes que os destaques dos títulos
- a diagramação sugere a navegação pela página

Ambas colocadas pela vertical, divididas em colunas e blocos de informação, formam a trama da diagramação que ocupa o espaço físico do jornal ou os limites da tela dos computadores. A identificação “O Estado de S. Paulo” se destaca. Chama nossa atenção a disposição do título “Dilma vai desmontar estrutura de Dirceu”, forte no contraste com o branco da página e bem no início da diagonal de leitura; a foto central destaca um outro assunto, e são várias as fotos dispostas no diagrama que fazem “dançar” para a direita ou esquerda a distribuição das colunas de texto. O diagrama não é uma prisão para o *layout*. No alto sob fundo colorido, ainda podemos encontrar as sugestões para leituras menos comprometidas com os acontecimentos do dia-a-dia, são cadernos de variedades com o uso de cores mais “leves”, “relaxadas”, com proposta de indicar alternativas de leitura.

O portal não apresenta destaques claros. Mostra-se como uma massa de informação homogeneizada. Ressalta-se o “L” invertido que suporta e procura dar unidade a todo o conteúdo de informação colocado sob seus cuidados, como se estivesse a envolvê-lo e mantê-lo sob o controle do seu *layout*. O mesmo “L” indica a separação dos serviços aos assinantes do portal, no topo, e à esquerda suas diversas opções de navegação interna. Há três “retrancas”, pequenos índices, relacionando notícias como um dos assuntos tratados na capa: “Notícias”, “Mundo” e “Copa das Confederações”. Nenhum destaque de uns em relação aos outros, apenas a sua ordem de apresentação. Na lateral direita da página duas colunas inteiras de mensagens publicitárias, a imagem das apostas para “Intersena” chama mais nossa atenção que qualquer outro elemento do *layout*. Dentro do *shopping*, há ainda o *banner* com a mensagem “preço exclusivo” e “últimos dias!” logo abaixo da área de serviços aos assinantes do portal.

Enfim, o portal não tem nos mostrado como tratar a notícia no espaço das suas páginas. Trouxe do jornal, como já mostramos anteriormente, o seu *layout*, sua diagramação, a construção da trama que suporta suas diversas atividades *online*... A matriz com a visão de ambas as páginas postas lado a lado evidencia as semelhanças quanto à verticalidade, divisão em colunas, organização do próprio espaço que ocupa na tela; mostra-nos também a grande diferença quanto à direção do olhar sugerido ao leitor: claro e objetivo da capa do jornal, administrando o “peso” que cada porção da sua composição pode assumir nos títulos, textos e imagens. A página do portal perde-se dentro

da homogeneização que apresenta, não há a proposta de direção para buscar o olhar do leitor/usuário, causa confusão ao propor a convivência de assuntos diversos, a notícia ao lado do anúncio. E é esse o principal problema que nos acompanha desde o início dessa investigação: a interface desenvolvida pelo portal não lhe cai bem porque pertence ao corpo do jornal. O portal utiliza-se de práticas jornalísticas para a transformação da informação “bruta” em estado de notícia; ora, seu funcionamento veio do jornal impresso, mas não consegue entregar ao leitor/usuário a notícia com o mesmo cuidado com que o impresso faz a mesma entrega.

### 3.3 • Mediação, Interface e Interfaces

“O que HAL e o *Knowledge navigator* têm em comum é o fato de exibirem uma tal inteligência que a própria interface física quase desaparece. É nisso que reside o segredo de uma interface: fazê-la desaparecer.”

NEGROPONTE, Nicholas. *A vida digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 93.

“Muitas pessoas consideram que o termo interface com o usuário refere-se especificamente a interface gráfica (GUIs), com janelas e menus e ‘mouses’. Um exemplo: ‘Dentro em breve, você não terá que se preocupar com interfaces. Simplesmente, você estará falando com o seu computador’. Como eu afirmo em resposta, um sistema controlado pela voz não precisa ter janelas, exatamente como o telefone viva-voz, e eles geralmente têm interfaces ruins. A maneira como você realiza tarefas com produtos — o que você diz e o que ele responde — isto é interface (RASKIN, 2000)”

*Apud* Anais do 2ª USIHC — 2º Congresso Internacional de Ergonomia e Usabilidade, Design de Interface e Interação Humano-Computador. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003.

A matriz comparativa nos deu uma amostra dos problemas apresentados pelas diferenças entre as interfaces impressa e virtual. Vamos nos aprofundar na discussão sobre a questão da interface procurando compreender melhor a mediação proposta em ambos os meios.

A revolução dos tipos móveis já foi citada várias vezes nessa dissertação, mas é importante lembrá-la, mais uma vez, para situá-la não apenas como uma maneira de explicar o mundo, mas sim como “a” maneira de representá-lo e torná-lo aceito em todas as

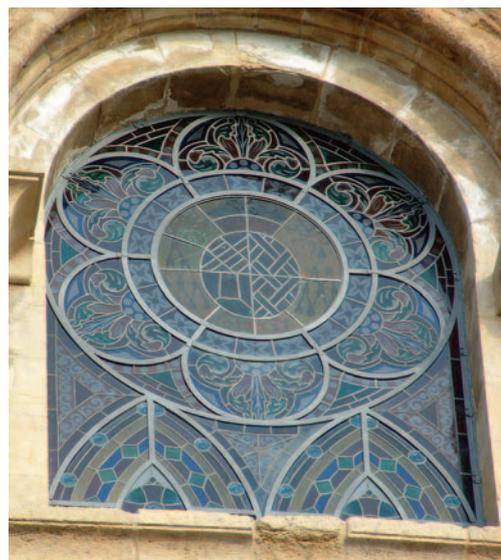
suas manifestações desde a sua origem até o momento presente, quando a revolução do digital, tão complexa para o mundo quanto aquela, tem o seu desenvolvimento.

Até o nascimento dos tipos móveis, as catedrais medievais representavam os centros geradores da informação, funcionavam como “máquinas significantes da vida pública”<sup>4</sup>. Conferindo à sociedade uma fórmula de convivência e preenchendo-a dos sentidos que lhe faltavam para o entendimento do mundo, a catedral era o grande signo para onde se encaminhavam as discussões sobre a existência e o entendimento da realidade, representava uma tradução, ou uma interface, dos desígnios divinos apresentados aos seus seguidores.

A arquitetura imponente com o ponto de vista situado acima do alcance do olhar humano alimentava o imaginário e o destino professado pelo divino e divulgado por seus representantes, outra vez uma interface para a busca do conhecimento. Colocando-se distante do humano, deixava clara a idéia da elevação e da busca do sublime ali representado. Numa época em que a alfabetização não ultrapassava os limites das famílias abastadas ou os do clero e as habitações limitavam-se às dimensões de cabanas, as elevadas construções religiosas contavam a história do mundo através das imagens dispostas em suas paredes e principalmente por seus vitrais iluminados. Eram o centro do mundo em torno do qual todas as manifestações aconteciam, as ruas e os montes serviam para sua construção e corroboravam para a sua imponência diante de todos os que se colocavam à sua volta.

Era uma maneira de ver o mundo: hierarquizado, dependente, centralizado.

E o que é a escrita senão uma interface entre os pensamentos, as idéias humanas e o exercício da divulgação de um modo de ver e mostrar a realidade? A revolução dos tipos móveis terminaria rompendo com essa visão do mundo e da maneira de observá-lo, não mais segundo a ótica das catedrais elevadas, mas pelas páginas distribuídas ao longo das publica-



Vitrail da Sé Velha de Coimbra.  
< <http://pt.wikipedia.org/wiki/Vitrail> >  
(7/2/2006, 7h 22min)

4 JOHNSON, Steve. *Cultura da Interface*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001., p. 36..

ções, a informação passou a atender às comunidades e por elas ser gerada, o seu centro mudava de endereço.

Hoje, os tipos não são somente móveis como outrora, são virtualizáveis dentro dos diagramas codificados do computador. Ganham sua independência das matrizes metálicas e das suas ligas de chumbo. São fluidos realizando-se em contato com uma interface que os atualize num exercício de liberdade de circulação que põs nas mãos dos usuários as possibilidades do seu manuseio. Uma interface, que é aqui entendida como uma área, uma superfície, um ponto de contato onde dois objetos qualitativamente diferentes encontrem-se e possam entender-se através da sua ação de tradutor.

Em nosso caso, a interface ainda ganha mais um atributo: é digital.

“(…) Em seu sentido mais simples, a palavra se refere a softwares que dão forma à interação entre usuário e computador. A interface atua como uma espécie de tradutor, mediando entre as duas partes, tornando uma sensível para a outra. Em outras palavras, a relação governada pela interface é uma relação semântica, caracterizada por significado e expressão, não por força física. Os computadores digitais são ‘máquinas literárias’, como os chama o guru do hipertexto Ted Nelson. Trabalham com sinais e símbolos, embora seja quase impossível compreender essa linguagem em sua forma mais elementar. Um programa pensa — se pensar é a palavra correta no caso — através de minúsculos pulsos de eletricidade, que representam um estado ‘ligado’ ou um estado ‘desligado’, um 0 ou um 1. Os seres humanos pensam através de palavras, conceitos, imagens, sons, associações. Um computador que nada faça além de manipular seqüências de zeros e uns não passa de uma máquina de somar excepcionalmente ineficiente. Para que a mágica da revolução digital ocorra, um computador deve também *representar-se a si mesmo* ao usuário, numa linguagem que este compreenda.”

JOHNSON, Steve. *Cultura da interface*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 17.

A interface digital pode ser vista, então, como cultura e mensagem porque governada pela “re-mediação” que define a própria ação humana na “pós-modernidade”, ou como preferimos, na “modernidade líquida”, onde re-constrói e re-interpreta a realidade dentro de parâmetros sob seu controle, num processo infinito de apropriação e re-significação.

“Re-mediação” é usada aqui como a releitura de um objeto por um meio diferente daquele em que originalmente ele foi concebido. Por exemplo, um projeto exibido durante a exposição “Emoção Art.ficial 2.0”, de autoria da Prof. Dra. Diana Domingues:



“l'mito: Zapping Zone”, 2004. Instalação de Diana Domingues e Grupo Artecno UCS (Brasil).

“O trabalho explora a fabricação de identidades sintéticas a partir de uma base de dados de vinte personalidades históricas. Um leitor de código de barras interpreta vários objetos por meio de um programa elaborado com algoritmos genéticos e os associa às identidades de mitos como Gandhi, Chaplin, Ayrton Senna e Lennon. As informações são transformadas em imagens que, por sua vez, são deformadas com a técnica morphing de computação gráfica e projetadas em telões.<sup>5</sup>”

Outro esclarecimento necessário. Preferimos aqui a no-

tação “modernidade líquida” utilizada por Zygmunt Bauman<sup>6</sup>, que nos atende com maior precisão quando qualificamos o período conseqüente ao moderno, apontando como suas características básicas para esse estágio do capitalismo o poder extraterritorial, as comunicações eletrônicas, a instantaneidade, a instabilidade etc.

“[A modernidade clássica] parece ‘pesada’ (contra a ‘leve’ modernidade contemporânea); melhor ainda, ‘sólida’ (e não ‘fluida’, ‘líquida’ ou ‘liquefeita’); condensada (contra difusa ou ‘capilar’); e, finalmente, ‘sistêmica’ (por oposição a ‘em forma de rede’).”

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000 p. 33.

“A modernidade pesada era, afinal, a época de moldar a realidade como na arquitetura ou na jardinagem; a realidade adequada aos veredictos da razão deveria ser ‘construída’ sob estrito controle de qualidade e conforme rígidas regras de procedimento, e mais que tudo projetada antes da construção.”

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 58.

A evolução e o desenvolvimento do conceito da interface digital deve muito ao uso de metáforas visuais como forma de aproximar o entendimento humano ao novo ambiente que lhe foi apresentado, onde uma linguagem estranha para aqueles distan-

5 Texto do site do evento,  
<<http://www.itaucultural.org.br/emocaoartificial2/portugues/exposicao01a.cfm>>

6 Zygmunt Bauman, 81 anos de idade, é sociólogo e professor na Leeds University. Nasceu em uma família judia polonesa, naturalizou-se inglês. É autor do livro *Modernidade líquida* entre outros.

tes da sintaxe dos computadores não teria alternativa de uso sem sua tradução. Foi a metáfora do *desktop* (o tampo da mesa de trabalho), na década de 1980, que trouxe o escritório e seus aparatos — latas de lixo, arquivos, blocos de notas — para o mundo digital através das telas dos computadores Apple-Macintosh. Foram eles os responsáveis pela “tradução” gráfica de um ambiente no outro. Buscou-se, dessa maneira, tratar o aprendizado do uso do computador como uma “extensão” da atividade humana mas em outro ambiente, o simulado.

“No ambiente original do Macintosh, o desktop do computador funcionava como uma escrivaninha do mundo real.”

JOHNSON, Steve. *Cultura da interface*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 48.

Essa facilitação do aprendizado da nova ferramenta utilizando-se de objetos na tela do computador análogos aos que podem ser encontrados fora dela tornou seu uso mais “amigável”. A interface gráfica encontrou certa resistência à época, julgada como mais uma brincadeira e seu uso considerado impossível para as finalidades socialmente aceitas no dia-a-dia. A interface gráfica continuou sua evolução acompanhada pela evolução tecnológica que tornou possível a criação dos complexos ambientes de realidade virtual.

“A verdadeira mágica dos computadores gráficos deriva do fato de eles *não* estarem amarrados ao velho mundo analógico dos objetos. Podem imitar muito desse mundo, é claro, mas são também capazes de adotar novas identidades e desempenhar novas tarefas que não têm, absolutamente, equivalente algum no mundo real.”

JOHNSON, Steve. *Cultura da interface*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 49.

Com a Internet veio a possibilidade da troca entre mundos distantes fisicamente, sejam pessoas ou culturas dispersas. Uma nova dimensão fora criada, mais uma, aquela que pretendia a ocupação do espaço virtual agora realizado, a partir da participação dos usuários interessados nos processos de interação proporcionados pelo meio.

A metáfora do *desktop* aproximou os usuários do mundo virtual. A interface nascida com a Internet o fez participante do meio, quase um agente inserido dentro do sistema de informações com o qual é possível construir o seu relacionamento com o mundo. A figura do agente tem, na verdade, um significado maior para as pretensões dos projetos

de interface desde o desktop até aqui, ganhando pouco a pouco maior autonomia dentro do ambiente virtualizado. Não basta que nos represente, deve agir em nosso nome, mantido sob nosso controle.

“Em 1989, a Apple lançou um célebre vídeo intitulado *The Knowledge Navigator*, que depositava um solícito ator, envergando um smoking, no canto direito superior de um PowerBook. Aqui começou o estereótipo do agente como um criado digital: o vídeo mostrava o usuário final — um professor universitário que investigava a extinção das florestas pluviais — ordenando despreocupadamente a seu pixelado assistente que procurasse registros sobre fome no banco de dados on-line do campus, como William Powell pedindo mais um martíni. A metáfora do mordomo tinha certo charme aristocrático (o ramo do *high tech* fervilhou com piadas sobre Jeeves durante alguns anos), mas a gravata-borboleta era um detalhe secundário, uma distração. O grande legado de *The Knowledge Navigator* estava no mero fato de o infomordomo ser uma pessoa.

JOHNSON, Steve. *Cultura da interface*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 129.

Na evolução dos *games* de computador, essa vertente de integração com o meio é evidente. Propõe-se a inserção do usuário dentro do ambiente virtualizado, estimulando a experiência em que a interface “desaparece” e passa-se a viver as aventuras propostas pela programação. O próprio corpo humano renasce como signo dentro do jogo, seus movimentos e sua excitação são transpostos para a ação. O usuário age como se fosse o próprio personagem ao seu serviço; não se trata de um “avatar”, é o sujeito, em primeira pessoa, transformado pelas ferramentas do meio e transformando o novo mundo ao seu redor.

É essa alternativa, a de imersão no próprio meio e a ação em primeira pessoa, que imaginamos como das mais interessantes para o funcionamento do portal. Parte-se aqui do desenvolvimento da interface como parte do próprio leitor/usuário/navegante da informação construindo o seu caminho no manuseio da rede informacional em que está “imerso”. Uma virtualização do humano, mais uma informação codificada mergulhada na interface que a representa como seu agente.

### **3.4 • A relação homem-máquina**

Para que uma interface funcione e nos represente no ambiente digital, faz-se necessária uma boa tradução entre meios com uma proposta clara de interação, uma “conversa” entre homem e máquina.

O interesse pelo campo de estudos e a preocupação com a relação homem-máquina fez surgir, em meados dos anos de 1980, a HCI — Human-Computer Interaction, em que assuntos ligados à ergonomia e à usabilidade mereceram crédito como objetos de estudo ligados ao entendimento e aprimoramento dos aspectos físicos e psicológicos desse “relacionamento”.

“A ergonomia é o estudo científico da relação entre o homem e seus meios, métodos e espaço de trabalho. Seu trabalho é elaborar, mediante a contribuição de diversas disciplinas científicas que a compõem, um corpo de conhecimentos que, dentro de uma perspectiva de aplicação, deve resultar numa melhor adaptação ao homem dos meios tecnológicos e dos ambientes de trabalho e de vida” — *Congresso Internacional de Ergonomia, 1969.*

MORAES, Anamaria. In: *Formas do design*. Rio de Janeiro: 2AB, 1999. p. 175.

A usabilidade é o campo que mais nos interessa. É ele que trabalha com a facilidade ou não do acesso à informação. Entende-se que o projeto informacional deve estar centrado no usuário, buscando sua intuitividade como um dos conceitos para a sua localização dentro do ambiente virtualizado. Lembrando Nicholas Negroponte, a interface deve “desaparecer”.

A usabilidade está diretamente ligada ao diálogo com a interface, que deve permitir sua boa utilização gerando satisfação —um ambiente de navegação *user friendly*—, relacionado ao nível de conforto que o usuário percebe ao utilizar a interface e qual a sua aceitação como maneira de alcançar seus objetivos de navegação, em nosso caso, chegar e entender a notícia apresentada na primeira página.

O problema é que os seres humanos são muito diferentes entre si.

Na Internet, quando colocamos usuários diante de interfaces extremamente experimentais, percebemos parte dessas diferenças. Aqueles que têm afinidade com o assunto tratado rapidamente se relacionam com o sistema, enquanto aqueles que vêm de outras experiências ou que tenham outras preferências acabam passando por dificuldades e podem até mesmo desinteressar-se pelo assunto. Foi preciso desenvolver uma interface mais abrangente e que respeitasse a capacidade de aprendizado do usuário, envolvendo a técnica para oferecer comodidade e o design para lhe dar prazer durante sua navegação.

O uso de metáforas visuais é lembrado, novamente, como um conceito aceito na construção de interfaces digitais. Por exemplo: uma interface baseada na estrutura do livro, do caderno ou até da televisão pode, além de atrair a atenção de um público específico, ajudar a criar uma identidade visual, que guia o visitante em sua navegação. Uma metáfora eficiente faz com que o usuário se sinta confortável e estimulado a desbravar as páginas do *site*.

No momento em que a Internet encontrou-se com a comunicação de massa, a metáfora utilizada para aproximá-la do público foi a busca de elementos do cotidiano: o jornal prestou-se como solução. A metáfora do desktop aproximou o humano do computador, a metáfora da página, velha conhecida dos leitores, em muito colaborou para transformá-lo em usuário para a Internet.

Outros aspectos ligados ao projeto da interface devem levar em consideração a legibilidade e a percepção da página exposta ao usuário. Legibilidade diz respeito às características lexicais das informações apresentadas na tela que possam dificultar a leitura: brilho do caractere, contraste letra/fundo, tamanho da fonte, espaçamento entre palavras, espaçamento entre linhas e parágrafos etc.

O *layout* da interface deve considerar a maneira como o usuário pode ser influenciado por ela na busca e entendimento da informação. Devem-se considerar os principais elementos estruturais da sua composição: o texto (tipografia), as imagens — incluindo os ícones — e o próprio espaço da tela com o qual estes elementos se relacionam, ou o “fundo”; a organização da estrutura visual é importante para a interpretação e compreensão da informação.

Os princípios de organização perceptual foram descritos em 1920 pelos psicólogos da escola gestáltica. Segundo a Gestalt, percebemos um conjunto de elementos como uma forma completa em que os componentes estão integrados entre si e não podemos decompô-los sem destruir o conjunto. É assim que entendemos a primeira página do portal como uma única imagem, aquela que representa a realidade mostrada pelo mosaico de diversas notícias. Alguns dos princípios são:

- O princípio da proximidade: a tendência de associação entre os elementos mais próximos entre si dentro do campo visual;

- O princípio da similaridade: a associação de elementos que compartilham características visuais básicas, como, forma, cor, textura, direção etc.;
- O princípio da continuidade: descreve a facilidade em aceitar os contornos contínuos e sem quebra em lugar de figuras mais irregulares;
- O princípio do fechamento: descreve a tendência humana de completar uma figura mesmo quando os contornos estão ausentes;
- O princípio da figura-fundo: é aquele no qual a atenção visual do observador alterna entre o branco do triângulo e os círculos pretos entalhados. Ambos podem ser vistos como figura (objeto de interesse) ou como fundo sobre o qual está apoiada a figura. Esse fenômeno pode ser usado com grande efeito para produzir identidades gráficas atraentes e layouts eficientes;
- O princípio do agrupamento: o princípio de área relata que a menor de duas figuras sobrepostas tenderá a ser interpretada como figura, enquanto a maior será interpretada como fundo;
- O princípio da simetria: descreve o agrupamento baseado nas propriedades emergentes da forma, ao invés das características das partes que a constituem.



Toda imagem está diretamente relacionada com o “fundo” que a suporta e que interfere na forma como é visualizadas; ela pode parecer mais “clara” ou mais “escura”, mais “leve” ou mais “pesada”, pode até mesmo criar a ilusão de “profundidade”, possibilitando assim os “ambientes virtuais”. Os portais analisados mantêm o branco como sua cor de fundo, destacando e localizando o conteúdo diverso da notícia com cores que determinam seu espaço de visualização — laranja no Terra e azul no UOL. Existe também a preocupação com a transmissão das imagens e cores pela rede e a sua inevitável alteração que ocorre em cada ponto de recepção, dependentes que são das condições do monitor usado pelo usuário e das configurações próprias de seus computadores.

As imagens que compõem a página assumem características distintas dentro de cada projeto. São, no caso dos portais, imagens usadas para passar uma mensagem de interesse para o usuário, fazem parte da notícia que se quer divulgar, têm características próprias, não tendo necessariamente qualquer relação visual com o *site* considerado, têm caráter provisório, podendo ser substituídas a qualquer momento como resultado da dinâmica de atualização das notícias.

Outras, como *banners*<sup>7</sup> e *pop-ups*<sup>8</sup>, cumprem tarefas diferentes, notadamente publicitárias, e, muitas vezes, atravessam sem prévia autorização o caminho de leitura do usuário. Há também as imagens que carregam em si a responsabilidade operacional do *site*: são os ícones criados para a navegação e os elementos que tornam clara a divisão estrutural da página, como os fios de separação entre colunas de texto.

Os ícones são utilizados em interfaces gráficas para proporcionar um guia funcional e estético; eles representam as principais tarefas. Esses elementos funcionam como um sistema de signos estritamente relacionados com o projeto e o público a que se destinam. Devem ser significativos, coerentes, claros e simples e devem também ter um pequeno tamanho em relação à interface.

---

7 *Banners* são pequenas chamadas animadas ou não, usadas geralmente como uma propaganda que pode dar acesso a outro “ponto” na rede.

8 *Pop-up* é uma janela, diferente daquela do *site* que o usuário está visitando, usada como meio de exibir material publicitário; procura chamar a atenção do usuário.

## ÚLTIMAS NOTÍCIAS



Também no caso dos ícones, o uso de metáforas facilita seu reconhecimento e a associação com suas tarefas mais rapidamente. Como qualquer outro elemento estrutural da imagem, os ícones devem ser pensados considerando-se a cor, o posicionamento no espaço e o agrupamento.

O poder de comunicação de uma interface, como de qualquer outra imagem, está intimamente ligado ao uso das cores. A cor interfere nos sentidos e emoções dos seres humanos, podendo atrair ou afastar sua atenção.

“Modernamente, o reconhecimento de que a cor é tão-somente uma sensação coloca-a no campo das especulações psicológicas, possibilitando o aprofundamento do estudo das relações entre estímulos e componentes fisiológicos, para maior conhecimento dos dados sensitivos e perceptivos e sua influência nos reflexos conscientes e inconscientes de caráter emocional e moral.”

PEDROSA, Israel. *Da cor à cor inexistente*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial Ltda. / EDUFF, 2002. p. 100.

É preciso pensar também a “imagem da própria palavra”, tratar cada letra com o mesmo cuidado com que se trata qualquer outra imagem garantirá uma comunicação mais precisa. É interessante reforçar o significado da palavra com a fonte escolhida para contextualizá-la no projeto, escolher a cor certa para cada informação, usar os recursos de clareza e contraste em relação ao fundo que seriam aplicados a qualquer outra imagem na tela.

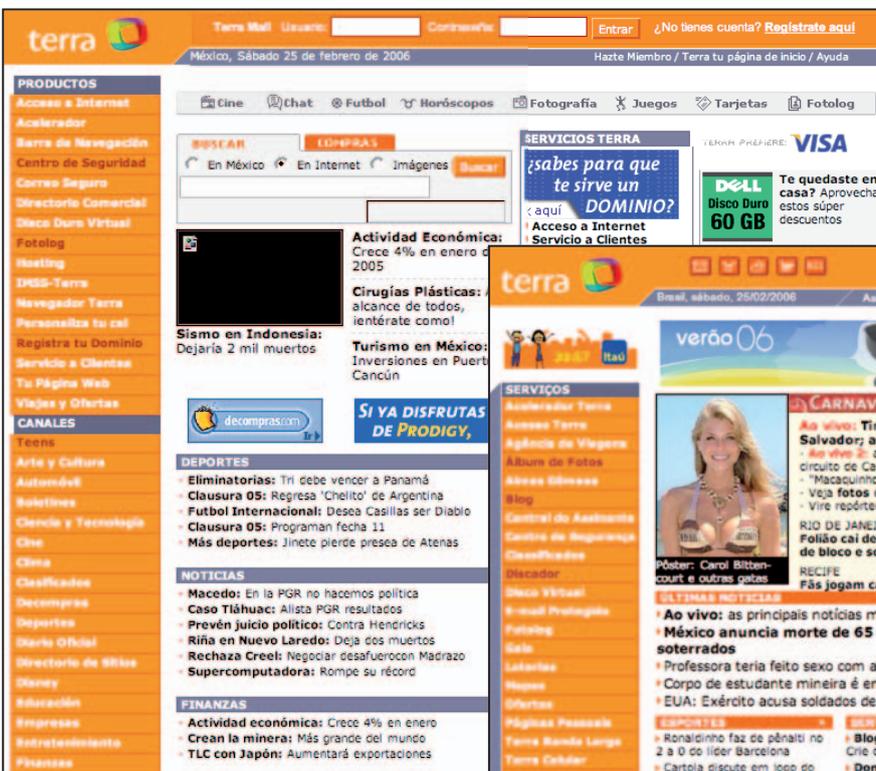
O portal apresenta em seu projeto gráfico as amarras que seguram a informação num *grid* preocupado com o melhor aproveitamento dos processos de produção: as imagens têm formato pré-determinado e não ultrapassam os limites do diagrama formado para aprisioná-las. A presença das cores enfatiza os mesmos limites agora propostos para os diversos assuntos que se pretende abordar. Notamos no último projeto apresentado pelo portal UOL, em março de 2004, parte dessas características.



À esquerda o projeto apresentado em março de 2004, à direita a página visitada em 25/2/2006, 21h 05min.



O Terra faz uso de um projeto mundializado, suas páginas aqui no Brasil ou no México têm o mesmo funcionamento e *layout*.



À esquerda a página visitada em 25/2/2006, 21h 55min, à direita a página mostrada em 25/3/2005, arquivada no endereço <<http://web.archive.org/web/20050329093734/http://www.terra.com.mx/>>



É claro, e vale aqui o destaque, que jornais também observam e mantêm projetos gráficos que, além de tornar suas páginas adequadas à contemporaneidade, sofrem alterações procurando permanecer sempre no dia-a-dia das sociedades. O que procuramos destacar é que no caso dos portais, seus projetos têm atendido a processos internos onde a tecnologia e suas alternativas têm funcionado mais como limitantes do processo criativo e do desenvolvimento de interfaces que deveriam atender, além do seu próprio funcionamento, o que leitores e usuários poderiam encontrar quando postados na situação de navegantes da informação.

### 3.5 • Notícia e portal de informações

“O sol nas bancas de revista  
Me enche de alegria e preguiça  
Quem lê tanta notícia  
E vou  
Por entre fotos e nomes  
Os olhos cheios de cores  
O peito cheio de amores vãos  
Eu vou  
Por que não?  
Por que não?”

*Alegria, Alegria*, do compositor Caetano Veloso

Com já foi dito em várias oportunidades nessa dissertação, os portais de informação, em nosso exemplo UOL e Terra, permanecem presos à origem “impressa” do seu projeto, o jornal de informações. Através de suas capas somos levados a confundi-los, e cabe a pergunta: o portal é a versão *online* do jornal impresso e como tal não abre mão de centralizar o acesso à notícia?

Em *A vida digital*, publicado em 1995, existe um interessante “encontro” da notícia com suas interfaces e como poderiam apresentar-se numa solução tecnológica para a tradução/troca entre meios distintos: o humano e o digital. A interface apresentada trans-

forma-se em “agente” cultural e faz do seu usuário o que o autor chamou de “navegante do conhecimento”.

Vemos o navegante da informação como o terceiro num processo evolutivo que o trouxe do papel de leitor para o de navegante, dono do seu destino na descoberta da informação pintada como notícia pelos detentores dos textos jornalísticos... mas que pode ser montada segundo a interpretação e livre navegação dos fatos e/ou fontes pelo próprio navegante exercendo um papel de editor do que lhe interessa...

“Mas há uma outra maneira de se contemplar um jornal: como uma interface com a notícia. Em vez de fazê-lo ler aquilo que outras pessoas acham que é notícia e julgam digno de ser publicado, a vida digital vai mudar o modelo econômico da seleção de notícias, atribuindo papel maior aos interesses de cada leitor e, na verdade, utilizando sobras da sala de edição que não tinham tanto apelo.

Imagine um futuro no qual seu agente de interface vai poder ler todos os jornais e captar todos os noticiários de TV e rádio do planeta, construindo a partir daí um sumário personalizado para você. Esse tipo de jornal terá uma tiragem de apenas uma cópia.”

NEGROPONTE, Nicholas. *A vida digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 147.

Lembremos que um dos primeiros portais nascidos na Internet, a AOL, já mostrava uma tendência centralizadora no acesso e fornecimento da informação ligada ao conceito de “assinatura”, semelhante a jornais ou revistas impressas. Nascida dentro da evolução da interface gráfica quando as BBSs<sup>9</sup> ganhavam ferramentas mais claras de contato entre os seus usuários, a AOL trouxe para suas páginas todos os que buscavam dentro do território virtual norte-americano o melhor acesso aos primeiros serviços abertos pela nova ferramenta, como num clube<sup>10</sup>. Note-se que as BBSs funcionavam como clubes de acesso, o conteúdo presente nas páginas apresentava o que a média de usuários buscava; como numa revista de variedades, a assinatura da AOL permitia ao usuário o acesso às informações e serviços selecionados pelo portal. Não por acaso, as primeiras páginas presentes nos serviços de acesso brasileiros, tendo o UOL como um dos primeiros a apresentá-lo, guardam uma grande semelhança com o *layout* desenvol-

---

9 BBS, do inglês *bulletin board system*, é um sistema de informações dotado de um software, que permitia a ligação (conexão) via telefone a um sistema através do computador e a interação com ele fazendo uso de códigos; foi um sistema anterior ao advento da interface gráfica *www*.

10 Segundo Nicholas Negroponte, em *A vida digital*, “a America Online, um veículo de socialização”, p. 11.

vido pela AOL, lembradas as diferenças na linguagem de programação utilizada pelos dois serviços. A AOL fazia uso da linguagem proprietária RainMain. Quando o UOL iniciou suas atividades, a linguagem HTML já ganhava os espaços de programação da Internet, uma linguagem aberta e de acesso público. Não havia ainda muito com o que ocupar as páginas recém-nascidas, mas a ligação clara com o jornal já denunciava o que viria a seguir. Vejamos alguns dos exemplos da evolução do *layout* e o aumento da ocupação do espaço virtual das páginas pelas notícias trazidas pelo jornal.

“Mas talvez a verdadeira revolução desencadeada pelo HTML seja a democratização do design de interface. A tarefa de imaginar a informação não vai mais ser apanágio dos sumo-sacerdotes da programação; qualquer pessoa moderadamente à vontade com um computador será capaz de inventar seus próprios espaços-moderação e de partilhá-los com amigos ou colegas.”

JOHNSON, Steve. *Cultura da interface*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 163.



Lembremos da citação de Paul Virilio antecipando parte da documentação em rede que ocupa nosso dia-a-dia. Como já disse Foucault, as alternativas de investigação e portanto controle da sociedade passam pelo “vigiar” e “punir”, tendo a imagem como sua referência de verdade.

“Em 1967, o juiz de instrução Philippe Chausserie Laprée apresentava aos jurados do tribunal criminal de Chaen um filme de três minutos reconstituindo o assassinato de um colono normando. Este juiz, que se descreve como um ‘maníaco por instrução’ e faz verdadeiras sinopses dos casos sob sua responsabilidade colando, em cadernos de estudante, fotos à esquerda e, à direita, funcionando como diálogos, resumos dos interrogatórios, vai portanto, pela primeira vez na França, introduzir um ‘documentário judiciário’ ao lado das tradicionais fotos de vítimas e de locais do crime. Lembremos que o juiz tomou como auxiliares para esta filmagem dois antigos cinegrafistas do exército e não seus funcionários.”

VIRILIO, Paul. *A máquina de visão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002. p. 68.

Tal aspecto causa desconforto ao notarmos que nos ambientes hipermidiáticos, onde as ferramentas de construção do espaço estão à disposição dos seus usuários ganhando estatuto de “geradoras” da verdade que não pertence senão àquele que a criou, ganha-se o status de gerador de informação... O portal poderia comportar-se como a referência, um filtro do que “realmente” passa pela realidade externa aos seus códigos, novamente, informação e notícia, em meio ao labirinto criado em torno dos novos “produtores” da informação. Todos aqueles que estiverem em conexão podem, virtualmente, transformar-se em seus produtores, daí a possibilidade de os portais serem os “organizadores” dos diversos conteúdos e da informação que mereceria a qualificação de notícia; o portal assumiria, enfim, a tarefa de “agente de interface” a serviço do nosso navegante da informação.

### **3.6 • Google e integradores de informação**

Uma das maiores revoluções dentro da revolução provocada pela digitalização da informação vem acontecendo e absorvendo boa parte dos esforços criativos presentes dentro da estrutura da Internet: o Google. Mais que um serviço de busca, a ferramenta nascida dentro do universo de códigos que constrói e preenche a Internet tem justificado o próprio funcionamento dentro dela. Conhedora e produtora da linguagem da informação codificada, tem criado alternativas, de “tomada” da rede pelos seus usuários transformados paulatinamente em navegantes da informação. As buscas são semânticas, suas alternativas desde que autorizadas, permitem sua integração ao sistema criado por Google e também a outros navegantes mediados pelo mesmo sistema. A notícia, nascida do esforço de construção realizado por jornalistas, “blogueiros” ou outros navegantes,

Últimas notícias

Internacional

Brasil

Negócios

Ciência

Esportes

Entretenimento

Saúde

Alertas de notícias

RSS | Atom  
Sobre os feeds

Sobre o  
Google Notícias

**Últimas notícias** | Brasil

OK

**STJ concede liminar para PMDB realizar as prévias**

Correio do Estado - 16 horas atrás  
O Superior Tribunal de Justiça (STJ) concedeu ao PMDB, no final da noite de anteontem, liminar que mantém as prévias do partido marcadas para hoje e que devem escolher o candidato à Presidência da República pela legenda.

...  
STJ garante realização das prévias do PMDB Diário do Grande ABC  
As prévias do PMDB estão mantidas Diário de Natal  
[estadao.com.br - Globo Online \(Assinatura\)](#) - [Tribuna de Alagoas - veja on-line \(Assinatura\)](#) - [todos os 228 relacionados »](#)



De Brasília

**Ladrões fazem arrastão em condomínio de luxo de Moema (SP)**

Diário do Grande ABC - 2 horas atrás  
Cerca de dez homens armados e encapuzados invadiram na manhã deste domingo um condomínio de alto padrão em Moema e renderam pelo menos 13 moradores. Houve perseguição, deixando um ladrão morto, dois feridos e uma outra pessoa ferida. ...

17h53-Bandidos fazem arrastão em prédio de luxo de SP Correio Braziliense  
Arrastão em prédio de Moema termina em tiroteio na Vila Mariana Globo Online (Assinatura)  
[estadao.com.br - Globo Online \(Assinatura\)](#) - [todos os 7 relacionados »](#)

**Internacional »**

**Estudantes e sindicatos ameaçam fazer greve geral na França**

[estadao.com.br - 27 minutos atrás](#)  
PARIS - As organizações estudantis e as principais centrais sindicais francesas, incluindo a Confederação Geral do Trabalho, lançaram neste domingo um ultimato ao presidente Jacques Chirac e ao primeiro-ministro Dominique Villepin, dando prazo ...

Villepin e Sarkozy metidos "no mesmo saco" Jornal de Notícias  
Violência ao extremo em Paris SIC  
[A Tarde On Line - Diário Digital](#) - [O Primeiro de Janeiro - todos os 137 relacionados »](#)



[estadao.com.br](#)

[editar](#)

**Brasil »**

**Aickmin está satisfeito com resultado de pesquisa**

[estadao.com.br - 6 horas atrás](#)  
SÃO PAULO - O governador de São Paulo e candidato escolhido pelo PSDB à Presidência da República, Geraldo Aickmin, disse que está satisfeito com o crescimento das intenções de voto em seu nome, conforme pesquisa divulgada pelo Datafolha. ...

Dois em um... dever cívico e números do Datafolha Primeira Leitura  
Aickmin comemora pesquisa mas diz que é preciso ter pés no chão Diário do Grande ABC  
[Diário Digital - Correio Braziliense - Globo Online \(Assinatura\)](#) - [O Globo \(Assinatura\)](#) - [todos os 141 relacionados »](#)



Agora MS

[editar](#)

**Câmaras de tortura de Saddam usadas por interrogadores**

Último Segundo - 29 minutos atrás  
Membros de uma unidade do Exército dos Estados Unidos transformaram uma das câmaras de tortura de Saddam Hussein em sua própria sala de interrogatórios, onde golpeavam

**Movimento na Ponte da Amizade é tranqüilo**

[estadao.com.br - 17 mar. 2006](#)  
CURITIBA - Depois de um dia tumultuado na Ponte da Amizade, que liga o Brasil ao Paraguai, nesta sexta-feira, 17, a situação foi tranqüila. Não fosse pelo pouco fluxo de

**Personalizar esta página**

Força-tarefa ficará no Rio até o fim do inquérito  
JC OnLine - [todos os 115 relacionados »](#)

Fiat lança kits pelos 30 anos de Brasil  
[estadao.com.br - todos os 10 relacionados »](#)

Matthäus diz que só trabalha cercado pela família  
[estadao.com.br - todos os 57 relacionados »](#)

Ator Nelson Dantas morre aos 78 anos no Rio de Janeiro  
JC OnLine - [todos os 14 relacionados »](#)

Caos na saúde volta a ser denunciado  
Correio do Estado - [todos os 5 relacionados »](#)

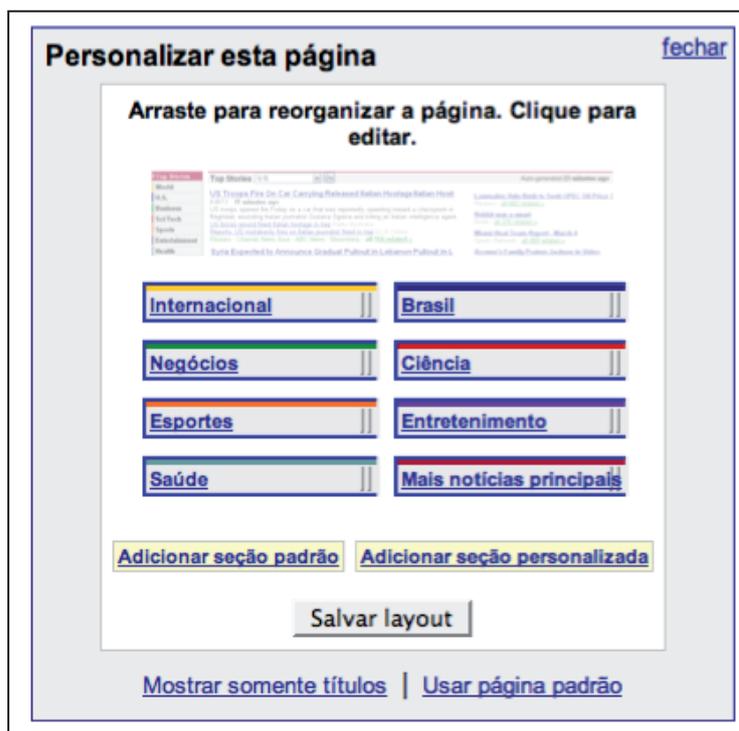
**Notícias em Destques**

- [Slobodan Milosevic](#)
- [Gerald Alckmin](#)
- [Antonio Palocci](#)
- [Superior Tribunal de Justiça](#)
- [Roger Federer](#)
- [Santos Costa](#)
- [Giancarlo Fisichella](#)
- [CPI dos Bingsos](#)
- [Supremo Tribunal Federal](#)
- [Copa do Brasil](#)

pode ser realizada à frente daquele que tem a interface à sua disposição. A conexão gera a realização.

Nada disso aconteceu a partir das capas do portal. Nenhuma integração à piscina de informações presentes no meio recebeu do portal a atenção para o desenvolvimento das alternativas nascidas à sua volta. O portal prende-se a uma busca bibliográfica por termos e expressões, não tece relações semânticas e não oferece a riqueza que a troca de informações pode trazer a seus, ainda, usuários. Parece temer a semiose em que o signo-notícia realimenta o ciclo da percepção transformando-se em objeto para uma nova semiose. Teme a evolução do navegante que sai da primeiridade da percepção da interface, passa para a secundidade ao entendê-la como fonte de informação e migra para a terceiridade ao perceber que a interface faz parte da sua navegação e pode representá-lo na sua busca do conhecimento.

Google oferece ainda a personalização de conteúdos, engloba a tecnologia do RSS<sup>11</sup> como num agregador de informações<sup>12</sup>. Permite a personalização de suas páginas, libertando o navegante da continuidade dos caminhos fixados em páginas, a construção das notícias faz-se a partir das intenções dos seus navegantes, que podem gerar e



11 RSS (Rich Site Summary) é um subconjunto de “dialetos” XML que servem para agregar conteúdo ou “Web syndication”. É usado para (entre outras coisas) sites de notícias e blogs.  
< <http://pt.wikipedia.org/wiki/RSS> > em 16/2/2006, 16h 11min.

12 Agregador de informação é um leitor de *feeds*, permitindo que você mantenha-se informado e otimize seu tempo. Geralmente as notícias no formato RSS fornecem um título, resumo da manchete e um link através do qual podem-se obter maiores informações; dessa forma, utiliza-se o navegador para ler aquilo que realmente interessa ao usuário.  
< <http://www.rssficado.com.br/> > em 19/02/2006, 16h17min.

gerir o “seu” portal ideal, um agente, como no *Knowlegde Navigator*, obediente às suas vontades de descoberta.

O agregador de informações, a outra ferramenta desenvolvida dentro do ambiente virtual que mencionamos, compartilha com o Google News o objetivo de proporcionar acesso a várias fontes diferentes de notícias, deixando sob os cuidados do navegante a construção do conteúdo a ser tomado. O agregador assemelha-se a um aplicativo de buscas, o usuário faz as escolhas das fontes de informação que fazem uso do RSS e as acrescenta a uma lista para atualização. Quando uma notícia lhe interessa, basta selecionar o seu título para que um *lead* da matéria lhe dê maiores informações sobre o que será desenvolvido ao longo do texto. Ainda interessado o navegante pode habilitar a notícia para que ocupe toda a área de visualização do agregador. O *layout* a ser observado é o da fonte com a qual houve contato.

O Google News e os agregadores servem-se da tecnologia do que ficou conhecido como *semantic web*, que opera com metadados semânticos dentro da *web*, isto é, informações que descrevem o conteúdo, o significado e a relação entre todos eles de uma maneira que podem ser reconhecidos e agrupados pelos mecanismos de busca dos diversos bancos de dados presentes na rede. O RSS faz parte desses metadados.

Numa visita recente ao Brasil, Theodor Nelson, criador da teoria de hipertexto nos anos 1960, fez o seguinte comentário numa entrevista ao jornal O Estado de S. Paulo:

**“O sr. acaba de lançar um novo projeto chamado Transliteration. Poderia resumir as idéias por trás dele?”**

A World Wide Web é uma simulação do papel, uma superfície bidimensional, com muito poucos links, que apontam apenas para fora. Acredito que você deveria ter milhares de links de vários tipos em uma página, e todo mundo deveria poder usá-los. O documento seria tridimensional, quadridimensional, quinquedimensional, animado... Você viu *Star Wars*? Sabe a cena de abertura, com o texto se movendo na tela? Então, daquele jeito! **Matrix** você viu? Sabe aquela “chuva” de texto na tela? Poderia ser daquele jeito também. Tudo isso deveria ser possível, e muito mais.

**E a tecnologia que temos hoje permitiria isso?**

(Pausa) Vamos conversar sobre a palavra ‘tecnologia’. Um sapato é tecnologia, uma frigideira é tecnologia, um copo d’água é tecnologia. Mas a palavra é usada geralmente para se referir ao último gadget. Quando você compra um telefone celular novo, é tão complicado navegar através dos menus... Isso não é tecnologia, é a mente estúpida das pessoas que o desenharam. As câme-



An Architect With Plans for a New Gulf Coast – New York Times

Search All Search

Mark All As Read Post to Weblog Next Unread

News Items

http://www.nytimes.com/2006/05/24/arts/design/24duan.html?ex=1306123200&en=c45d4aef5408cf4d&ei=5088&partner=rssnyt&emc=rss

BBCBrasil.com | Reporter... | Folha Online – Em cima... | An Architect With Plans f...

Log In Register Now TimesSelect Free 14-Day Trial

Arts All NYT

EXTRADE FINANCIAL

HOME PAGE MY TIMES TODAY'S PAPER VIDEO MOST POPULAR TIMES TOPICS

**The New York Times**

WORLD U.S. N.Y. / REGION BUSINESS TECHNOLOGY SCIENCE HEALTH SPORTS OPINION ARTS STYLE TRAVEL JOBS REAL ESTATE AUTOS

ART & DESIGN BOOKS DANCE MOVIES MUSIC TELEVISION THEATER

**Art & Design**

**An Architect With Plans for a New Gulf Coast**

By ROBIN POOREBIN  
Published: May 24, 2006

MIAMI — He's the man architecture critics love to hate: Andrés Duany, charismatic prophet of the New Urbanism, with his nostalgic prescriptions for dense, walkable neighborhoods energized by stores, mass transit and traditional housing.

Opponents cast this architect as an imperious enemy of progressive design and a threat to the Gulf Coast, where he has been involved in plans to redesign communities that were devastated by Hurricane Katrina.

Read Kroloff, dean of the architecture school at Tulane

http://www.nytimes.com/pages/style/index.html

688 unread

Subscribe Refresh All Sites Drawer

NYT > Media...dvertising (6)

NYT > Art and Design (5)

NYT > Americas

NYT > Multimedia (6)

NYT > Technology (32)

VersionTracker: Mac OS X (20)

MacCentral (20)

MacMegasite (20)

MacMerc (10)

MacMinute (20)

A List Apart (20)

Aaron Swartz (9)

BBC News (29)

BBC Brasil.co...ira Página (33)

Daring Fireball (10)

Lockergrnom... Resource (18)

MobileWhack (25)

ongoing (20)

Ranchero (19)

Wired News (28)

Wired News: Technology (14)

CB\_log (6)

Tecnopolíticas (13)

Folha Online...a da hora (13)

Blue Bus todo mundo lê (25)

NoMínimo (21)

BR Brand Repub...gital News (6)

BR Brand Repub...sign News (6)

BR Brand Repub...sing News (6)

Terra - RSS - Música (20)

Terra - RSS ... e Cultura (20)

Terra - RSS - Terra Brasil (20)

PodCasting Brasil (137)

Why does this page look this way?

It appears that your Web browser has disabled JavaScript, or does not support JavaScript. You are welcome to use the page as is or, for the best experience, upgrade your browser to its latest version by visiting your browser's Web site or NYTimes.com's download page. You may also try our new Today's Paper feature, a listing of all the headlines in today's New York Times.

SIGN IN TO E-MAIL THIS

PRINT

SINGLE PAGE

REPRINTS

SAVE

ARTICLE TOOLS SPONSORED BY

WATER

TicketWatch - Theater Offers by E-Mail

Sign up for ticket offers from Broadway shows and other advertisers.

See Sample | Privacy Policy

Sign Up

WIN A TRIP WITH NICK KRISTOF

NEARLY 4,000 STUDENTS ENTERED.

ONE WAS CHOSEN AS NICK'S TRAVELING COMPANION.

See Who Won >

ras de vídeo hoje são fantásticas, você pode fazer filmes com qualidade de cinema nelas. Mas o problema é lidar com os 300 menus escritos por engenheiros japoneses! O problema não é o quão maravilhosa a tecnologia pode ser. O problema é a comunicação das idéias. E sejam japoneses, americanos ou brasileiros, engenheiros não são muito bons para comunicar idéias.”

Entrevista feita por Diego Assis para o jornal O Estado de S. Paulo, < [http://www.link.estadao.com.br/index.cfm?id\\_conteudo=5371](http://www.link.estadao.com.br/index.cfm?id_conteudo=5371) >

E o portal? Quando Nelson afirma que a *web* deveria “ter milhares de links de vários tipos em uma página, e todo mundo deveria poder usá-los”, colabora com a nossa visão do que poderia favorecer os caminhos do navegante. O que temos, na verdade, é que o portal demora a trazer as “novidades” vindas das alternativas que a tecnologia apresenta aos seus usuários, incorpora-as após a sua consagração quando boa parte deles já tomou conhecimento dessas “novidades” através de outras fontes ou alternativas. Lembrando da referência ao “cavalo com rodas”, temos aqui o mesmo problema: não tem sido o portal a alternativa digital para onde são projetadas ou desenvolvidas ou experimentadas as ferramentas que apresentam novas possibilidades para a construção da notícia, sua concepção guarda referência ao “assinante”, que, preso aos contratos do acesso, permanece limitado às ofertas feitas pelo “proprietário” do serviço, como se nas alternativas construídas pelo digital fosse possível evitar o mergulho à informação e deixar somente sua superfície para o contato com o navegante.

### 3.7 • O tempo subtraído

Numa quarta-feira<sup>13</sup> à noite a apresentação era aguardada. Pessoas, desconhecidas umas das outras, conversavam, tendo como assunto comum o programa e os caminhos diversos que o regente seguira até aquele momento.

Abertas as portas do Teatro Cultura Artística, todos procuravam por seus lugares de maneira calma, com o devido tempo para encontrarem o assento previamente identificado. Surgem os músicos através de uma fenda aberta na pesada cortina escura. Organizam-se, afinam seus instrumentos, conversam.

---

13 Apresentação da Bachiana Filarmônica, sob regência de João Carlos Martins, em 24 de maio de 2006, 21h. No programa: Concerto em Dó Menor para dois pianos, BWV 1060, Concerto em Dó Maior para dois pianos e orquestra, BWV 1061, Suíte Orquestral nº 2 em Si Menor, BWV 1067 e Concerto para quatro pianos e orquestra em Lá Menor, BWV 1065.

Pausa, surge o regente, João Carlos Martins, um pianista que perdera os movimentos numa das suas mãos e, apaixonado pela música, rearticulou seus conhecimentos para a prática da regência.

Aplausos da platéia, saudações dos amigos presentes.

Início do programa. Foi uma noite para ouvir Bach e emocionar-se.

Para ouvir música e ouvi-la de maneira a emocionar-se, é preciso tempo para que as apreensões vindas do dia-a-dia tenham como desaparecer da mente do indivíduo, ao menos na nossa perspectiva. Um tempo que assume na “modernidade líquida” características bem defasadas dessa fruição requerida por Bach.

“Aos três tempos – passado, presente e futuro – da ação decisiva, substituem-se sub-repticiamente dois tempos, o *tempo real* e o *tempo diferenciado*. O futuro tendo desaparecido, por um lado, na programação dos computadores e, por outro, no falseamento deste tempo pretensamente ‘real’ que a uma só vez contém uma parte do *presente* e uma parte do *futuro imediato*. De fato, a partir do momento em que se percebe, no radar ou no vídeo, uma máquina ameaçando em ‘tempo real’, o presente mediatizado pela mesa de controle já contém o futuro da chegada próxima do projétil sobre seu alvo.”

VIRILIO, Paul. *A máquina de visão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002. p. 95.

A compressão/supressão do tempo apontada por Virilio transformou-se paulatinamente na forma de vida que a sociedade em rede reconhece. Não nos custa lembrar que o computador, como instrumento primeiro de acesso ao mundo codificado, realiza uma operação sobre o tempo, é uma captura do momento presentificado e o faz, ou deveria fazer, sob nossa supervisão e solicitação, transformando-nos em agentes sobre o tempo.

O uso da primeira pessoa não é gratuito. Somos, nós todos, a sociedade na qual vivemos e que nos faz “pertencer” a todo o mundo, parte do processo de virtualização e mediação do contato com a realidade. Seres de informação, globalizados por força da expansão do capitalismo informacional, vemo-nos como pacientes das alterações que o ambiente do qual fazemos parte sofre instante a instante obrigando-nos a integrarmos e viver sob suas normas ou a sucumbir nos intervalos de um momento que se realiza à frente do computador.

Como resultado dessa pós-modernidade/modernidade líquida vivida por todos, nossa própria identidade passa por questionamentos cada vez mais profundos.

“Em 1994, um pôster espalhado pelas ruas de Berlim brincava com as dificuldades que temos, hoje em dia, para definir o que é a identidade. ‘Seu Cristo é judeu. Seu carro é japonês. Sua pizza é italiana. Sua democracia – grega. Seu café – brasileiro. Seus números – árabes. Só o seu vizinho é um estrangeiro’, estava escrito, em tom de pilhéria, mas também de desafio aos alemães. Com a chegada cada vez mais intensa de migrantes árabes, asiáticos, sul-americanos, a xenofobia e o racismo cresciam em toda a Europa. Ainda crescem. Mas os europeus – se é que ainda podemos imaginar um europeu puro – teimam em pensar, muitas vezes, que estrangeiros são os outros.”

CASTELLO, José. Artigo publicado no site No Mínimo<sup>14</sup>

Em tom de pilhéria ou não, o fato é que o cartaz reproduz o que temos vivido. Naquele momento retratava as inseguranças e as adversidades da reintegração das duas Alemanhas, separadas havia quase cinquenta anos. Agora, passados mais de dez anos, os questionamentos relacionados à identidade continuam e ganharam a dimensão da sociedade em rede, maior que o próprio planeta físico que conhecemos.

A informação circula à velocidade da luz e coloca a todos questões que importam às várias comunidades presentes. As notícias apresentadas pelos portais reproduzem suas fontes vindas de agências de notícias, essas sim preocupadas com acontecimentos mundiais e com a reprodução em escala dos assuntos por elas levantados. Os portais terminam publicando *online* as mesmas informações que vão ocupar as páginas dos jornais num tempo que não pertence mais às pessoas, mas ao próprio funcionamento da rede. Apenas como exemplo, valem as anotações feitas a partir do *site* BlueBus<sup>15</sup> na quinta-feira, 23/2/2006, relacionadas à publicação de uma mesma notícia/foto nas capas de diversos jornais e portais:

Os jornalões em uníssono com a mesma foto do presidente 08:26 Nas 3 capas, da Folha, do Globo e do Estado, ele levanta os braços na direção do mar, vocês viram na banca? Lembra o Paulo Coelho e suas 3 capas na mesma semana nas revistas (mas ao menos não era a mesma foto). Seria efeito de

---

14 <<http://nominimo.ibest.com.br/notitia/servlet/newstorm.notitia.presentation.NavigationServlet?publicationCode=1&pageCode=31&textCode=19673&date=currentDat> > , 27/11/2005.

15 <http://www.bluebus.com.br/show.php?p=1&id=67374>

1 boa assessoria de imprensa ou da falta de imaginação dos editores? ;- ).

23/02 [Julio Hungria](#)

[Foram 7 jornais com a mesma foto ou fotos muito parecidas](#) 08:43 A Agência Estado teria feito 1 alentada venda da celebrada foto da sua capa de ontem (Lula e o mar), clicada por Célio Jr, a pelo menos 5 jornais — O Globo, Jornal do Brasil, Diário do Comércio, O Estado do Paraná e Folha da Região — Araçatuba. É possível que alguns desses, no entanto, tenham utilizado, como a Folha de S. Paulo, 1 foto praticamente igual, do mesmo momento do presidente, tirada pelo fotógrafo do Palácio, Ricardo Stuckert — foi a que a Folha publicou. Permanece a minha dúvida de ontem sobre a falta de imaginação dos editores — escrevi na nota ‘Os jornalões em uníssono com a mesma foto do presidente’. Mas pode haver também alguma coisa truncada na distribuição das imagens, alguma impropriedade, tanto da parte da AE, que vende sua capa do dia a terceiros, como da parte da assessoria do Palácio. Ou não? 24/02 [Julio Hungria](#)

[Foram 7 jornais com a mesma foto... e os portais na web?](#) 08:45 Leitor — “Julio, não vou defender os jornais, mas é só reparar nas capas dos principais portais (Terra, UOL, IG, Globo e MSN) e você vai ver que todos oferecem a mesma coisa. E não é só a foto. As matérias costumam ser as mesmas, geralmente vindas das mesmas agências, sem muita apuração, sem muito cuidado”. 24/02 [Jones Rossi](#)

A última das notas é reveladora do que falávamos, “Foram 7 jornais com a mesma foto... e os portais na web?” Notamos que a informação permaneceu a mesma em suas múltiplas opções de acesso. A coincidência foi notada por um serviço *online* que abre espaço à circulação de idéias e ao questionamento do próprio funcionamento do que é levado ao público. E não foi o portal de informações num serviço que poderia ser prestado ao seus usuários/assinantes que criou a possibilidade de questionamento. Utilizando as mesmas fontes, portal e jornal terminam repetindo suas notícias e suas capas. A vinculação é tão grande que nos cabe o questionamento do sentido da manutenção dessas duas estruturas quando ambas se repetem.

O leitor/usuário não consegue atingir a navegação da notícia com a qual mantém contato. Resta apenas vasculhar o conteúdo diverso levado ao ar pelo portal e divertir-se, ou não, com as propostas feitas por ele. Pode também buscar alternativas diferentes das oferecidas repetindo um movimento que aprendera a executar como telespectador, o *zapping* não mais entre canais da TV, agora dos diversos *sites* à sua frente. Com a diferença de manter-se, porque ligado à necessidade do acesso, ao portal que o trouxe para a Internet.

Diante do que vimos, o tempo da fruição da notícia parece pertencer ao meio impresso: pegar o jornal, folheá-lo e descobrir para onde as notícias podem levá-lo faz parte de um exercício que não saiu das páginas impressas. É motivo de descoberta sim e que pode levar o navegante a percorrer outros caminhos.

As páginas do portal deveriam abrir-se, pensamos, a dar ciência dos acontecimentos dentro da instantaneidade, como vêm fazendo, mas evitando a tentativa de igualar-se e manter-se presas ao jornal impresso, criar um projeto próprio liberto da estrutura da produção jornalística da notícia, do seu design e da sua ligação com centros agenciadores da informação. Lembremos que uma das características presentes no mundo digital diz respeito justamente à ausência de centros, “o centro está em toda parte”<sup>16</sup>, inclusive no envolvimento com a notícia.

---

16 “O centro está em toda parte, e a circunferência, em parte alguma”, Nicolau de Cusa, Século XIII. Apud MARTINHO, Cássio. *Redes: uma introdução às dinâmicas da conectividade e auto-organização*. Brasília: WWF Brasil, 2003.  
< [http://www.wwf.org.br/publicacoes/livro\\_redes\\_ea.htm](http://www.wwf.org.br/publicacoes/livro_redes_ea.htm) >. Acesso em 31/10/2004.

## 4 • CONCLUSÃO

---

“Não surpreende que não mais se escrevam distopias nestes tempos: o mundo pós-fordista, ‘moderno fluido’, dos indivíduos que escolhem em liberdade, não mais se ocupa do sinistro *Grande Irmão*, que puniria os que saíssem da linha. Neste mundo, no entanto, tampouco há espaço para o benigno e cuidadoso Irmão *Mais Velho* em quem se podia confiar e buscar apoio para decidir que coisas eram dignas de ser feitas ou possuídas e com quem se punham em seu caminho; e assim as utopias da boa sociedade também deixaram de ser escritas. Tudo, por assim dizer, corre agora por conta do indivíduo. Cabe ao indivíduo descobrir o que é capaz de fazer, esticar essa capacidade ao máximo e escolher os fins a que essa capacidade poderia melhor servir — isto é, com a máxima satisfação concebível. Compete ao indivíduo ‘amassar o inesperado para que se torne um entretenimento’\*.”

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 73-4.

\*[Turo-Kimino Lehtonem e Pasi Mäenpää, “Shopping in the East-Central Mall”. In: Pasi Falk e Colin Campbell, orgs. *The shopping experience*, Londres: Sabe, 1997, p. 161.]

Parece-nos claro que estamos diante de um dilema, a interface proporcionada pela imprensa comprovou suas qualidades no trato da informação como parte de suas responsabilidades e vem construindo sua reflexão sobre os tempos da rede. Representa, num dado momento, o tempo congelado no dia anterior aos acontecimentos, permitindo nossa reflexão em relação às notícias que ocuparam o espaço da sua capa. Poderia concentrar-se nessa reflexão, deixando ao portal a necessidade de apresentar o imediato.

O portal, como dissemos em várias ocasiões, ainda não se libertou da vinculação ao projeto gráfico e o próprio funcionamento da imprensa para entender-se e construir o seu espaço dentro da rede. Flerta com um *layout* hierarquizado como se fosse obrigado a respeitar as limitações do papel e das tintas. Não vislumbra além dos limites da página, da qual é herdeiro, o universo de possibilidades proporcionado por um meio irrequieto e onde, ao contrário da sua origem, o tempo pertence ao momento, isto é, tudo acontece agora e agora mesmo deve ocupar o espaço das telas, compartilhando com o usuário/navegador da informação a construção do conhecimento e a dos novos caminhos que a rede irá absorver. Lembrando Peirce, onde mais o universo está em expansão senão na mente humana?

A verdade, que não deixamos de procurar, pode estar repleta de possibilidades que ainda pouco ousamos investigar. Talvez, apenas talvez, não tenhamos ainda nos reconhecido como agentes da evolução que toma sua forma apesar dessa nossa desatenção. E o portal insiste em manter-se preso à mesma desatenção. As ferramentas tecnológicas não têm em seu cerne, pelo menos até este momento, discernimento para agir sem nosso aceite ou ação presente para a sua execução, depende de nossa ação o desenvolvimento de uma interface que funcione como nossa agência. Somos nós os autores dos caminhos dentro dos quais a tecnologia deve acomodar-se. E, mais importante nesta dissertação, somos os autores da navegação que pretendemos executar. O tempo nos foi roubado, mas podemos assumi-lo, tornando-o prisioneiro de nossas ações através da rede, absorvendo a instantaneidade como característica dos nossos caminhos virtualizados. A notícia se constrói pelas nossas mãos, jornalistas ou não, dentro do ambiente hipermidiático posto à nossa volta. Como o *Neo* de *Matrix*, temos de assumir nossa vocação de co-autores do mundo transformado em código, afinal, nosso código pode também ser inserido dentro dessa rede cada vez mais pós-humana.

“A verdade absoluta, a ser atingida, fragmenta-se em verdades parciais que convêm experimentar. Eis os contornos da estrutura mitológica. Cada território, real ou simbólico, destila, de alguma maneira, o seu modo de representação e a sua linguagem *cujus regio cujus religio*. Daí a babelização potencial constantemente negada com a invocação do espectro da globalização. Em realidade, existem muitas uniformizações mundiais: econômicas, musicais, consumistas; mas é preciso que nos questionemos sobre o verdadeiro alcance delas. Talvez devêssemos nos perguntar se a verdadeira eficácia não se encontra no domínio dos mitos tribais e das suas características existenciais. A comunicação em rede, da qual a Internet é a boa ilustração, levaria, nesse sentido, a repensar, para a pós-modernidade, o “universal concreto” da filosofia hegeliana.

Se tomamos por hipótese a existência de um local tribal gerador de pequenas mitologias, qual seria o seu substrato epistemológico? Empiricamente parece que o Indivíduo, a História e a Razão cedem, mais ou menos, lugar à fusão efetual encarnada no presente em torno de imagens de comunhão.

O termo indivíduo, já o disse, parece-me superado, ao menos no sentido estrito. Talvez se deva falar, quanto à pós-modernidade, em uma persona que desempenha diversos papéis nas tribos às quais adere. A identidade fragiliza-se. As diferentes identificações, em contrapartida, multiplicam-se.”

MAFFESOLI, Michel. “Mediações simbólicas: a imagem como vínculo social”. In: *Para navegar no século 21 – tecnologias do imaginário e cibercultura*. Francisco Menezes Martins e Juremir Machado da Silva, orgs. - 3. ed. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2003. p. 45-6.

## **BIBLIOGRAFIA**

---

- ARGAN, Giulio Carlo. *Arte moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- AUMONT, Jacques. *A imagem*. Campinas: Papirus, 1993.
- BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. São Paulo: IBRASA, 1972.
- BARROS, Anna. *A arte da percepção: um namoro entre a luz e o espaço*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 1999.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- BEIGUELMAN, Giselle. *O livro depois do livro*. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- BENETTRE, Djalma L. *Em branco não sai: um olhar semiótico sobre o jornal impresso diário*. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Semiótica, PUC-SP, 2001.
- BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução”. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Obras escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BENSE, Max. *Pequena estética*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- BLACK, Roger. *Web sites que funcionam*. São Paulo: Adobe Press, 1997.
- BONSIEPE, Gui. *Design: do material ao digital*. Florianópolis: FIES/IEL, 1997.
- BORGES, Jorge Luís. *Ficções*.
- BOSI, Alfredo. *Reflexões sobre a arte*. São Paulo: Ática, 1991.
- BRAGA, Alexandre Santaella. *Design de interface: as origens do design e sua influência na produção da hipermídia*. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Semiótica, PUC-SP, 2004.

- BRISSAC PEIXOTO, Nelson. *Paisagens urbanas*. São Paulo: Senac, Marca D'Água, 1996.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- \_\_\_\_\_. *A galáxia da internet — reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- COELHO, Teixeira, org. *A modernidade de Baudelaire*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- COSTA, Mario. *O sublime tecnológico*. São Paulo: Experimento, 1995.
- COSTA, Rogério da. *A cultura digital*. São Paulo: Publifolha, 2002.
- \_\_\_\_\_. “A nova cultura”. Laboratório de inteligência coletiva. Artigo publicado em 6 de outubro de 2003.
- < <http://www.pucsp.br/linc.blog/archives/000067.html> >
- COUCHOT, Edmond. “Tecnologias da simulação: um sujeito ‘aparelhado’”. In: *Revista de Comunicação e Linguagens*. Lisboa: Edições Cosmos, 1999.
- COUTO, R. M. S. & OLIVEIRA, A. J. “Formas do design: por uma metodologia interdisciplinar”. Edição 01, v. 01. n. 01. Rio de Janeiro: 2AB, 1999.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. *A era da consciência*. São Paulo: Peirópolis, 1999.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEBRAY, Régis. *Vida y muerte de la imagen: historia de la mirada en occidente*. Paris: Gallimard, 1994.
- DEFLEUR, Melvin L. *Teorias de comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

- DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo – uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- DIZARD, Wilson. *A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- DYSON, Freeman. *O sol, o genoma e a internet – Ferramentas das revoluções científicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- ECO, Umberto. *A definição de arte*. Lisboa: Edições 70, 1972.
- \_\_\_\_\_. *A estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- FECHINE, Yvana & OLIVEIRA, Ana Cláudia de. *Imagens técnicas*. São Paulo: Hacker Editores, 1998.
- FLUSSER, Vilém. *Ensaio sobre a fotografia: para uma filosofia da técnica*. Lisboa: Relógio D'Água, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Filosofia da caixa preta*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas – Uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2003.
- FRANCASTEL, P. *A realidade figurativa*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- GOODING, Mel. *Arte abstrata*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- GOSCIOLA, Vicente. *Roteiro para as novas mídias: do game à TV interativa*. São Paulo: Senac, 2003.
- HEARTNEY, Eleanor. *Pós-modernismo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

- HEIM, Michael. "The cyberspace dialectic". In: *The digital dialectic – New essays on new media*. Cambridge: MIT Press, 2001.  
< <http://ted.hyperland.com/tcoSum04.html> >
- JAMESON, Fredric. *As marcas do visível*. Rio de Janeiro: Graal, 1995.
- JOHNSON, Steve. *Cultura da Interface*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- KERCKHOVE, Derrick de. "O senso comum antigo e novo". In: PARENTE, André, org. *Imagem-máquina*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. p. 56-64.
- \_\_\_\_\_. *A pele da cultura: uma investigação sobre a nova realidade electrónica*. Lisboa: Relógio D'Água, 1995.
- KRUG, Steve. *Não me faça pensar*. São Paulo: Market Books, 2001.
- LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Ática, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Teoria e técnica do texto jornalístico*. Rio de Janeiro: Campus, 2005.
- LEÃO, Lúcia. *O labirinto da hipermídia – Arquitetura e navegação no ciberespaço*. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- LEMOS, André. "As estruturas antropológicas do ciberespaço". In: Textos, n. 33, Facom/UFBA, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- LESSIG, Lawrence. *Code and other laws of cyberspace*. New York: Basic Books, 1999.
- LÉVY, Pierre. *A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço e a consciência*. São Paulo: Editora 34, 2001.
- \_\_\_\_\_. *A máquina universo: criação, cognição e cultura informática*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1999.

- LUCAS, Fábio. *Literatura e comunicação na era eletrônica*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MCLUHAN, Marshal. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 2002.
- MACHADO, Arlindo. *Ilusão especular: introdução à fotografia*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Máquina e imaginário – O desafio das poéticas tecnológicas*. São Paulo: Edusp, 2001.
- MAFFESOLI, Michel. “Mediações simbólicas: a imagem como vínculo social”. In: *Para navegar no século 21 – tecnologias do imaginário e cibercultura*. Francisco Menezes Martins e Juremir Machado da Silva, orgs. - 3. ed. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2003. p. 45-6.
- MANOVICH, Lev. “New media from Borges to HTML”. In: *The new media reader*. Massachusetts: MIT Press, 2002.
- < <http://www.manovich.net> >
- \_\_\_\_\_. *The language of new media*. Cambridge: The Mit Press, 2000.
- MARTINS, Francisco Menezes & SILVA, Juremir Machado, orgs. *Para navegar no século 21: tecnologias do imaginário e cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- \_\_\_\_\_ & \_\_\_\_\_. *Genealogia do virtual: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- MEDINA, Cremilda de Araújo. *Um produto à venda – jornalismo na sociedade urbana e industrial*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.
- MORAES, Anamaria de. “Ergonomia: usabilidade de interfaces, interação humano-computador, arquitetura da informação”. In: *Anais do 2º USIHC – 2º Congresso Internacional de Ergonomia e Usabilidade, Design de Interface e Interação Humano-Computador*.
- MUNARI, Bruno. *Artista e designer*. Lisboa: Editorial Presença, 1979.
- NEGROPONTE, Nicholas. *A vida digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

- NIELSEN, Jakob & TAHIR, Marie. *Homepage: cinquenta websites desconstruídos*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- NÖTH, Winfried. *Panorama da semiótica: de Platão a Peirce*. São Paulo: Annablume, 1995.
- NOVAES, Aduino, org. *Muito além do espetáculo*. São Paulo: Senac, 2005.
- PARENTE, André, org. *Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1991.
- PEDROSA, Israel. *Da cor à cor inexistente*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2002.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica e filosofia*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- RADFAHRER, Luli. *Design/Web/Design*. São Paulo: Market Press, 1999.
- SANTAELLA, Lucia. *A assinatura das coisas, Peirce e a Literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- \_\_\_\_\_. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- \_\_\_\_\_. *A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas*. São Paulo: Pioneira, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Cultura e artes do pós-humano – Da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.
- \_\_\_\_\_ & NOTH, Winfried. *Comunicação e semiótica*. São Paulo: Hacker Editores, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Semiótica aplicada*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.
- SCHAFF, Adam. *A sociedade informática*. São Paulo: Editora da UNESP, 1990.
- SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Loyola, 2002.
- TRIVINHO, Eugênio. “Epistemologia em ruínas: a implosão da Teoria da Comunicação na experiência do cyberspace”. In: *XIX CONGRESSO DA INTERCOM*, 1996, Londrina.

TURKLE, Sherry. *Life on the screen: identity in the Age of the internet*. New York: Touchstone Home Video, 1997.

VILLAS-BOAS, André. *O que é [e o que nunca foi] design gráfico*. Rio de Janeiro: 2AB, 2001.

VIRILIO, Paul. *A máquina de visão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

WEIBEL, Peter & DRUCKREY, Timothy. *Net\_condition art and global media*. Cambridge: The Mit Press, 1998.

#### DVD e VHS

As formas do saber: Pierre Lévy: trabalho. Max Alvim, dir. [S.l.]: Franmi STV, [2003]. Uma fita de vídeo. (Documentário.)

As formas do saber: Pierre Lévy — arte e pensamento. São Paulo: STV — Rede SescSenac de Televisão, [2003]. Uma fita de vídeo. (Documentário.)

As formas do saber: Pierre Lévy — Educação. Max Alvim, dir. [S.l.]: Franmi/ STV, [2003]. 1 fita de vídeo. (Documentário.)

Roda viva com Pierre Levy. Videocultura — Fundação Padre Anchieta, 2000. Uma fita de vídeo.

#### CD-ROM

Congresso Internacional de Ergonomia e Usabilidade, Design de Interfaces e Interação Homem-Computador, 2. Anais eletrônicos do USIHC: homenagem a John Long. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003. Um CD. (Congresso Internacional de Ergonomia e Usabilidade, Design de Interfaces e Interação Humano-Computador, 2.)